Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VIII — Número 95

Novembro de 1970

Semana de Oração e Sacrifício

(21 A 28 DE NOVEMBRO DE 1970)

Mensagem da Conferência Geral

Tema da Semana - "A Igreja"

Desde tempos remotos, Israel, organizado como «a igreja no deserto», foi incumbido de ser o porta-voz da palavra de Deus, diante de todas as nações do seu tempo, e das gerações posteriores. Desta nação escreveu o salmista: «Mostra a sua palavra a Jacob, os seus estatutos e os seus juízos a Israel. Não fez assim a nenhuma outra nação; e, quanto aos seus juízos, não os conhecem. Louvai ao Senhor» (Sal. 147:19, 20).

Referindo-se aos judeus, o apóstolo Paulo diz em Romanos 9:4, 5: «que são israelitas, dos quais é a adopção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente: Amen». Noutra passagem, o apóstolo declara que «primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas» (Actos 7:38). Era deles o sacerdócio; era deles o santuário; era deles o ministério; era deles o serviço expiatório pelo pecado; era deles a luz, a verdade, o caminho da salvação de todos os homens; era deles uma missão santa.

Porta-vozes do Evangelho

Quando Jesus esteve nesta terra, incumbiu a igreja de ser o porta-voz do evangelho para todos os homens. «Ao

ascender, Cristo deixou a igreja e todos os seus interesses, como sagrado depósito aos Seus seguidores». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 200. Ainda em relação à igreja, note-se o seguinte: «O primeiro passo devia ser dado agora na organização da igreja que, após a partida de Cristo, O devia representar na terra». — *O Desejado de Todas as Nações*, 4.^a edição brasileira, pág. 123. Jesus disse aos Seus discípulos: «Vós sois a luz do mundo» (Mat. 5:14). Este pensamento é salientado no versículo 16: «Assim resplandeça a vossa luz, diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus. «Isto é, deixai que os vossos dons e graças sejam tão evidentes na vossa doutrina e vida, que os outros possam ser levados a crer no Deus verdadeiro olhando para vós como Seus verdadeiros servos. «Deus tem feito de Sua igreja na terra um conduto de luz e, por intermédio dela comunica Seus desígnios e Sua vontade». — *Obreiros Evangelicos*, pág. 443.

É-nos dito em Efésios 3:9 e 10 que por intermédio da igreja a múltipla sabedoria de Deus devia ser tornada conhecida para que a humanidade possa partilhar da comunhão do mistério que tem estado em Deus desde o princípio do

mundo. Foi confiado à igreja o evangelho da reconciliação; assim, como embaixadores, os membros da igreja devem ir ao encontro dos homens, em representação de Cristo, para que se reconciliem com Deus.

«É intuito de Cristo que a ordem celeste, plano de governo e a divina harmonia celeste, sejam representadas em Sua igreja na terra. Assim é Ele glorificado em Seu povo. Por meio deles, o Sol da Justiça resplandecerá sobre o mundo com não empanado brilho. Cristo deu à Sua igreja amplas faculdades, de modo a não poder receber abundantes retribuições

de glória da parte de Sua remida, comprada possessão. Concedeu a Seu povo capacidades e bênçãos para que representassem Sua própria suficiência. A igreja, dotada com a justiça de Cristo, é Sua depositária, nela se devendo revelar as riquezas de Sua misericórdia, Sua graça em plena e final manifestação. Cristo considera Seu povo, em sua pureza e perfeição, como a recompensa de Sua humilhação, e o suplemento de Sua glória — sendo Ele mesmo o grande Centro, de quem toda a glória irradia». — *O Desejado de Todas as Nações*, 4.^a ed. brasileira, pág. 508.

Sábado, 21 de Novembro de 1970

A Igreja — Os Seus Fundamentos

por E. G. White

Cristo tem tido sempre a Sua igreja ao longo do tempo. O Senhor plantou-a como uma vinha em campo fértil. Com o mais terno cuidado Ele cultivou-a, para que produzisse frutos de justiça.

Deus tinha uma igreja quando Adão e Eva juntamente com Abel aceitaram e exultaram de alegria com as boas novas de que Jesus seria o seu Redentor. Compreenderam então tão bem como nós compreendemos hoje a presença de Deus no seu meio.

Onde quer que Enoque encontrasse uma ou duas pessoas dispostas a ouvir a mensagem que tinha para elas, Jesus Se achava presente quando adoravam a Deus. Entre os ímpios habitantes da terra dos dias de Enoque, alguns houve que creram. O Senhor nunca permitiu que o pequeno número dos que Lhe são fiéis vivesse sem a Sua presença. O Senhor nunca deixou o mundo sem um mensageiro da Sua parte.

O tabernáculo era um tipo da igreja cristã. Com uma estrutura maravilhosa, era feito de duas partes, uma exterior e outra interior, uma acessível a todos os sacerdotes, a outra apenas ao sumo-sacerdote, que representava Cristo.

A igreja na terra, composta dos que são fiéis e leais a Deus, é o «verdadeiro tabernáculo». Ali ministra o próprio Redentor. Deus, e não o homem, estabeleceu este tabernáculo numa elevada plataforma. Este tabernáculo é o corpo de Cristo. Do norte, do sul, do leste e do oeste, Ele congrega aqueles que deverão ajudar a compô-lo.

Por intermédio de Cristo os verdadeiros crentes são representados como sendo juntamente as pedras de uma habitação de Deus através do Espírito.

Diz o profeta: «Ele mesmo edificará o templo do Senhor, e levará a glória, e assentar-se-á, e dominará no Seu trono, sacerdote no Seu trono, e *conselho de paz* haverá entre eles ambos».

Com a vocação de João, André e Simão, Filipe e Natanael, começou o fundamento da igreja cristã.

João vê Jesus vir em sua direcção, e diz: «Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!»!...

Dois discípulos, ao ouvirem estas palavras seguiram a Jesus...

Eles foram cativados pelas lições incisivas, simples e práticas de Cristo. Nunca os seus corações tinham antes sido tão tocados. André, irmão de Pe-

dro, era um deles. Interessou-se pelos seus amigos e parentes, mostrando desejo de que vissem a Cristo e ouvissem pessoalmente as preciosas lições. André partiu em busca de seu irmão Simão e cheio de convicção afirmou ter encontrado Cristo, o Messias, o Salvador do mundo.

Ele trouxe o seu irmão a Jesus que mal o viu disse: Tu és Simão, filho de Jonas; serás chamado Cefas, que significa uma pedra. No dia seguinte Cristo escolheu outro discípulo, Filipe, e convidou-o a segui-l'ô. Filipe creu plenamente que Cristo era o Messias, e procurou logo entusiasmar outros a vir ouvir os Seus ensinamentos que ele próprio tanto apreciava. Então Filipe deparou com Natanael, que se encontrava entre os que ouviram João dizer: «Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»...

Com estes, primeiros discípulos, a igreja cristã foi fundada através do esforço individual. João levou primeiro dois dos seus discípulos a Cristo. A seguir um destes encontra um irmão a quem traz também. Então é a vez de Filipe e Natanael serem chamados. Eis aqui uma útil lição para todos os seguidores de Cristo.

Cristo — a Sólida Pedra de Esquina

Em determinada altura, apenas onze discípulos e algumas mulheres fiéis ficaram para estabelecer os fundamentos da igreja cristã.

Aos próprios discípulos Jesus formulou agora uma segunda pergunta: «E vós, quem dizeis que Eu sou? «Pedro respondeu: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo»...

Jesus respondeu a Pedro, dizendo: «Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas Meu Pai que está no céu».

A verdade confessada por Pedro é o fundamento da fé do crente. É aquilo que o próprio Cristo declarou ser a vida eterna...

Jesus continuou: «Pois também Eu te digo que és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra

ela». A palavra Pedro significa pedra — uma pedra movediça. Pedro não era a rocha sobre que a igreja estava fundada. As portas do inferno prevaleceram contra ele quando negou seu Senhor com imprecções e juramentos. A igreja foi edificada sobre Alguém contra o qual as portas do inferno não podiam prevalecer.

Séculos antes do advento do Salvador, Moisés apontara à Rocha da Salvação de Israel. O salmista cantara «a Rocha de minha fortaleza». Isaías escrevera: «assim diz o Senhor Jeová: Eis que Eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada». O próprio Pedro, escrevendo por inspiração, aplica essa profecia a Jesus. Diz ele: «Se é que já provastes que o Senhor é benigno: e chegando-vos para Ele — pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual».

«Ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo». «Sobre esta pedra», disse Jesus, «edificarei a Minha igreja». Na presença de Deus e de todos os entes celestiais, em presença do invisível exército do maligno, Cristo fundou a Sua igreja sobre a Rocha viva. A Rocha é Ele próprio — Seu próprio corpo, quebrantado e ferido por nós. Contra a igreja edificada sobre este fundamento, não prevalecerão as portas do inferno.

Durante seis mil anos tem a fé edificado sobre Cristo. Ao longo de seis mil anos as inundações e tempestades da ira satânica têm batido de encontro à Rocha de nossa salvação; ela, porém, permanece inabalável.

A igreja cristã veio à existência enquanto orava pelo Espírito Santo. Sem a presença pessoal de Cristo, não passava da infância. Pouco antes da ascensão, Cristo incumbira os discípulos de pregar o evangelho em todo o mundo. «Recebereis poder, «afirmou», após o que há-de vir sobre vós a virtude do Espírito Santo; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos con-

fins da terra». «Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto seiais revestidos de poder».

Em obediência à palavra do Mestre, os discípulos regressaram a Jerusalém, e durante dez dias oraram pelo cumprimento da promessa de Deus. Estes dez dias foram dias de profundo exame de consciência. Os discípulos puseram de lado todo o preconceito que houvera entre eles, e aproximaram-se mais uns dos outros em espírito de comunhão cristã. Durante a oração compreenderam o privilégio que tinham tido em se associarem tão de perto com Cristo...

Após os dez dias o Senhor cumpriu a Sua promessa por meio de um maravilhoso derramamento do Espírito Santo. Enquanto perseveravam unânime em oração e súplicas sobreveio a bênção prometida... E qual foi o resultado do derramamento do Espírito naquele dia de Pentecostes? — As boas novas de um Salvador ressuscitado foram levadas aos confins do mundo habitado... É medida que provavam a verdade tal como ela se encontrava em Jesus, corações entregavam-se pelo poder da mensagem. A igreja pôde verificar a influência de conversos vindos de todas as partes. Os afastados foram reconvertidos. Os pecadores uniram-se aos cristãos procurando a pérola de grande preço. Aqueles que antes tinham sido os mais acerbos oponentes do evangelho tornaram-se seus campeões. A profecia que diz que os fracos serão «como David», e a casa do Senhor «como o anjo do Senhor», foi cumprida.

Não foi com o seu próprio poder que os apóstolos cumpriram a sua missão, mas no poder do Deus vivo.... Sobre o fundamento que o próprio Cristo assentara, os apóstolos construíram a igreja de Deus. A figura da erecção de um templo é frequentemente usada nas Escrituras para ilustrar a composição da igreja. Zacarias refere-se a Cristo como o renovo que edificaria o templo do Senhor. Fala dos gentios como auxiliares nessa obra: «Aqueles que estão longe virão e edificarão o templo do Senhor», e Isaías declara:

«E os filhos dos estrangeiros edificarão os Teus muros».

Escrevendo sobre a edificação deste templo, Pedro diz: «E, chegando-vos para Ele, — pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo».

Nas pedreiras do mundo judeu e do mundo pagão os apóstolos trabalharam, trazendo pedras para colocar sobre o fundamento. Em sua carta aos crentes de Éfeso, Paulo disse: «Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito».

E aos coríntios ele escreve: «Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquitecto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade, o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta, e o fogo provará qual seja a obra de cada um».

A coragem e o heroísmo dos obreiros

Os apóstolos edificaram sobre um firme fundamento, sobre a própria Rocha dos Séculos. Para este fundamento trouxeram eles as pedras tiradas da pedreira do mundo. Não foi sem empecilhos que os edificadores trabalharam. Sua obra foi excessivamente dificultada pela oposição dos inimigos de Cristo. Tiveram de lutar contra o fanatismo, o preconceito e o ódio dos que estavam a construir sobre falsos alicerces.

Reis e governadores, sacerdotes e príncipes procuraram destruir o templo de Deus. Mas em face de prisões, tortura e morte, os fiéis prosseguiram na obra; e a estrutura prosseguiu bela e simétrica. Algumas vezes foram os obreiros quase cegados pelas névoas da superstição que baixavam sobre eles. Às vezes quase se apoderava deles a violência de seus oponentes. Mas com inabalável fé e inquebrantável coragem levaram avante a obra.

Um a um, os principais construtores caíram às mãos do inimigo. Estêvão foi apedrejado; Tiago morto à espada; Paulo foi decapitado; Pedro crucificado; João exilado. Contudo a igreja cresceu. Novos obreiros tomaram o lugar daqueles que caíram, e pedra sobre pedra foi acrescentada ao edifício. Assim se ergueu lentamente o templo da igreja de Deus.

Séculos de feroz perseguição se seguiram ao estabelecimento da igreja cristã, mas nunca faltaram homens que considerassem a construção do templo divino mais cara do que a sua própria vida....

O inimigo da justiça nada deixou por fazer em seu esforço para deter a obra confiada aos edificadores do Senhor. Mas Deus «não Se deixou a Si mesmo sem testemunho». Surgiram obreiros que com aptidão defenderam a fé uma vez entregue aos santos. A história dá testemunho da fortaleza e heroísmo desses homens....

Através dos séculos, desde os dias do apóstolos, a construção do templo de Deus jamais cessou. Podemos olhar para o passado, e veremos as pedras vivas de que é composto, fulgurante como jatos de luz em meio às trevas do erro e da superstição. Através da eternidade as joias preciosas brilharão com brilho sempre maior, testificando do poder da verdade de Deus. O foco de luz dessas pedras polidas revela o forte contraste entre a luz e as trevas, entre o ouro da verdade e a escória do erro....

Mas a estrutura ainda não está completa. Nós que vivemos neste tempo te-

mos um trabalho a fazer, uma parte a cumprir. Devemos levar para o fundamento, material que resista à prova ao fogo — ouro, prata e pedras preciosas «lavradas, como colunas de um palácio». ... O cristão que fielmente apresenta a Palavra da vida, encaminhando homens e mulheres às veredas da santidade e da paz, está levando para o fundamento material resistente, e no reino de Deus será honrado como edificador sábio.

Cristo confiou à igreja um sagrado encargo. Cada membro deve ser um conduto através do qual Deus possa comunicar ao mundo os tesouros de Sua graça, as insondáveis riquezas de Cristo. Não há nada que o Salvador deseje tanto como agentes que representem ao mundo seu Espírito e Seu carácter. Nada existe que o mundo necessite mais do que a manifestação do amor do Salvador através da humanidade. Todo o céu está à espera de homens e mulheres por cujo intermédio possa Deus revelar o poder do cristianismo.

A igreja é o instrumento de Deus para a proclamação da verdade, por Ele dotada de poder fazer uma obra especial; e se ela for leal ao Senhor, obediente a todos os Seus mandamentos, nela habitará a excelência da graça divina. Se fôr fiel à sua missão, se honrar ao Senhor Deus de Israel, não haverá poder capaz de a ela se opor.

O poder humano e a humana força não estabeleceram a igreja de Deus, nem a podem destruir. Não sobre a rocha da força humana, mas sobre Cristo Jesus, a Rocha dos Séculos, foi a igreja fundada, «e as portas do inferno não prevalecerão contra ela». A presença de Deus dá estabilidade à Sua causa. «Não confieis em príncipes, nem em filhos dos homens», é a palavra a nós dirigida. «No sossego e na confiança estaria a vossa força». A gloriosa obra de Deus fundada nos eternos princípios do direito, jamais fracassará. Ela prosseguirá de poder em poder, «não por força nem por violência, mas pelo Espírito, diz o Senhor dos Exércitos».

A Igreja - O Seu nome

por Carlos B. Aeschlimann

«Formosa como a luz, brilhante como o sol, formidável como um exército com bandeiras» (Cantares de Salomão 6:10). Estas belas frases têm sido aplicadas à igreja (*Actos dos Apóstolos*, pág. 91; *Profetas e Reis*, pág. 225), «o único objecto na terra ao qual Cristo confere» — *Testemunhos para Ministros*, pág. 49.

É tão grande a importância da igreja, e o amor de Deus por ela é tão imenso que os autores da Bíblia fazem uso dos mais belos adjectivos e das mais sublimes comparações humanas para a ela se referirem. É comparada a um sólido e imponente prédio «edificado sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. No qual também vós, justamente, sois edificados para morada de Deus em Espírito» (Efés. 2:20-22). A igreja é comparada a uma coluna sublime e forte. Ela é a «igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade» (I Tim. 3:15).

A igreja é representada por uma mulher, bela e pura; «porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo». (II Cor. 11:2). A relação entre Cristo e a Sua igreja é comparada à vida matrimonial íntima e harmoniosa: «Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela» (Efés. 5:25).

Deus confiou à Sua igreja uma tremenda missão. O carácter de justiça e o amor de Deus deve ser apresentado ao mundo. Ela é como que um depositário da verdade preciosa de Deus. Ela deve preparar o povo escolhido para a trasladação, proclamando ao mesmo tempo a verdade salvadora, perante um mundo mergulhado no erro.

«Durante séculos de trevas espirituais a igreja de Deus tem sido como uma cidade edificada sobre um monte. De século em século, através de sucessivas gerações, as puras doutrinas do Céu têm sido desdobradas dentro de seus limites. Fraca e defeituo-

sa como possa parecer, a igreja é o único objecto sobre o qual Deus concede de maneira especial a Sua suprema atenção». — *Actos dos Apóstolos* pág. 12.

A igreja adventista herdou as verdades eternas que Deus confiou ao Seu povo. Na realidade, esta igreja não é mais que a continuação da verdadeira igreja que foi fundada por Cristo, cujos membros «guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo» (Apoc. 12:17).

Chamamo-nos Adventistas do Sétimo Dia. Que significa esse nome? Como e por quem foi ele escolhido? Que implicações tem? Um nome é algo de importante. Tudo tem um nome — as nações, as instituições, as pessoas, os movimentos. Para nós alguns nomes são recordados com gratidão e respeito. Outros nos fazem horror. Ninguém gostará de pôr o nome de Judas a seu filho, porque tal nome é o símbolo de infâmia e traição.

Deus tem um nome: «Eu sou o Senhor; este é o Meu nome» (Isa. 42:8). Os judeus tinham um imenso respeito e estima por «este nome glorioso e terrível» (Deut. 28:58). Jesus recebeu um nome, mesmo antes de nascer: «E chamarás o Seu nome Jesus; porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados... E chama-l'O-ão pelo nome de Emanuel, que traduzido é: Deus connosco». (Mat. 1:21, 23). «Pelo que também Deus O exaltou soberanamente, Lhe deu um nome que é sobre todo o nome» (Fíl. 2:9).

«Foi em Antioquia que os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos. Este nome foi-lhes dado porque Cristo era o principal tema de sua pregação, conversação e ensino... Foi Deus quem lhes deu o nome de cristãos. Este é um nome real, dado a todos os que se unem a Cristo». — *Ibid.*, pág. 157.

O nosso nome de igreja

A história do nome da nossa igreja é de veras interessante. Ela mostra que houve intervenção divina.

Entre os nossos pioneiros adventistas fazia-se notar grande zelo e sinceridade, sendo contudo os seus recursos materiais bem limitados. «O nosso número aumentava gradualmente... A princípio reuniamo-nos para o culto e apresentávamos a verdade àquelas que vinham para ouvir, em casas particulares, em celeiros, bosques, e edifícios escolares... Aumentado o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não seria levada avante com êxito». — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 26.

Em Setembro de 1860 houve uma reunião em Battle Creek com o fim de estudar a possibilidade de uma organização. Foi posta na agenda uma sugestão do futuro nome da denominação. Outras sugestões se seguiram, sendo a predominante «Igreja de Deus». Outros eram do parecer que seria ideal escolher um nome que indicasse claramente as nossas principais doutrinas. Foi sugerido «Adventistas do Sétimo Dia», tendo David Hewitt chefiado a proposta, a qual foi votada na quinta sessão. Apenas um delegado votou contra, tendo este mais tarde mudado de opinião.

Ellen G. White apoiou a selecção do nome ao dizer: «Não podemos adoptar outro nome que enquadre melhor do que esse que concorda com a nossa profissão, exprime a nossa fé e nos caracteriza como povo peculiar. O nome Adventista do Sétimo Dia é uma contínua exprobração ao mundo protestante. É aqui que está a linha divisória entre os que adoram a Deus e os que adoram a besta e recebem o seu sinal... O nome Adventista do Sétimo Dia exhibe o verdadeiro carácter de nossa fé e será próprio para persuadir os espíritos indagadores. Como uma flecha da aljava do Senhor, fere os transgressores da lei divina, induzindo ao arrependimento e à fé no nosso Senhor Jesus Cristo». — *Testemunhos Selectos*, vol. I, págs. 79, 80.

O tempo tem posto à prova a sabedoria e a direcção de Deus nesta escolha. O nosso nome tem sido, é, e será sempre apropriado e significativo. Ao enfrentarem os homens as ameaças de uma guerra nuclear, o aumento de impiedade, as crises que assolam o lar e a juventude, o desespero e a confusão, o nosso nome inspira confiança e oferece a solução para os males deste mundo. A segunda vinda de Jesus é «a bem-

-aventurada esperança» por causa da qual «toda a criação geme e está juntamente com dores de parto». (Rom. 8:22).

Herdeiros das Promessas do Nosso Pai

Alguns nomes de fama mundial são facilmente identificados pelos privilégios da nobreza ou da riqueza. Mas nós — Adventistas do Sétimo Dia — somos os mais felizes herdeiros do mundo. O apóstolo Tiago diz que os cristãos são «rícos na fé, e herdeiros do reino que Deus prometeu aos que O amam» (Tiago 2:5). Sim, somos herdeiros da promessa mais especial que jamais foi dada aos homens. Somos herdeiros da maior esperança de todos os tempos, a qual foi anunciada pelo próprio Jesus: «E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que, onde Eu estiver, estejais vós, também». (João 14:3).

O nome «Adventista» torna-nos arautos e depositários da bem-aventurada esperança, a preciosa herança dos nobres de todas as gerações. Nós somos herdeiros com Enoque, que declarou: «Eis que é vindo o Senhor, com milhares de Seus santos» (Judas 14); herdeiros com Abraão que «esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus» (Heb. 11:10); herdeiros com Job, que no meio dos seus sofrimentos declarou: «Eu sei que o meu Redentor vive...; e depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus» (Job 19:25, 26); herdeiros com David, que afirmou: «Quando o Senhor edificar a Sião, na Sua glória Se manifestará» (Sal. 102:16); herdeiros com Daniel, que disse a Nabucodonosor: «Nos dias destes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído» (Dan. 2:44); herdeiros com Isaías, que profetizou no nome de Deus: «Eis que Eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão» (Isa. 65:17); herdeiros com Zacarias, que proclamou: «E o Senhor será rei, sobre toda a terra» (Zac. 14:9); herdeiros com Pedro, que predisse que «o dia do Senhor virá como o ladrão de noite» (II Ped. 3:10); herdeiros com Paulo, que anunciou: «Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor» (I Tess. 4:17); herdeiros com João, que, enquanto na ilha

de Patmos, ouviu a promessa: «Certamente cedo venho,» e respondeu: «Amen. Ora vem, Senhor Jesus» (Apoc. 22:20).

Nós somos herdeiros da doutrina mais explícita da Bíblia a volta de Jesus, mencionada em vinte e três livros do Novo Testamento; segundo uma estimativa feita, esta doutrina é expressa em cada trinta versículos da Bíblia e em 318 referências dos 216 capítulos do Novo Testamento.

O nosso nome transparece um conhecimento pleno desta esperança. Todo o Adventista sabe que Jesus virá «nas nuvens do céu, com poder e grande glória» (Mat. 24:30): sabe que «todo o olho O verá» (Apoc. 1:7). Mas além do conhecimento o nosso nome implica uma tremenda responsabilidade.

Há pouco tempo uma tempestade ameaçou várias cidades. As autoridades receberam a urgente e ingrata tarefa de prevenir centenas e milhares de pessoas. Sabiam o que ia acontecer e não descansaram enquanto todas as pessoas não foram avisadas. A maioria deu atenção ao aviso e fugiu, mas houve outros que preferiram ignorar o perigo e acabaram por perecer. Como adventistas que somos, estamos conscientes da terrível tempestade de destruição que em breve virá. Sabemos ainda que após a tempestade despontará uma gloriosa manhã de paz e felicidade. Podemos nós ficar apáticos, deixado de advertir o mundo de tais acontecimentos? Permitiremos que milhares pereçam porque desconhecem a herança que lhes está reservada?

Reparadores de brechas

Sempre que falo com alguém acerca do nome da nossa igreja, e depois de explicar o significado do termo «Adventista», surge a pergunta: «Que significa 'Sétimo Dia'?» O nosso nome dá-nos a oportunidade de levar o interessado ao dealbar da história quando «os céus e a terra e todo o seu exército foram acabados... E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a Sua obra, que Deus criara e fizera» (Gén. 2:1, 3). O nosso nome leva-nos ao cume do monte Sinai, quando Deus deu a Moisés os mandamentos, cujo quarto diz «Lembra-te do dia de Sábado».

O nosso nome leva-nos a Nazaré, onde Jesus «segundo o Seu costume, ... entrou num dia de Sábado na sinagoga, e levanta-

to-Se para ler» (Luc. 4:16). Leva-nos à lúgubre sexta-feira da crucificação, quando Maria, a mãe de Jesus, descansou no dia de sábado «conforme o mandamento» (Cap. 23:56). Leva-nos a Tessalónica, onde Paulo, «como tinha por costume, foi ter com eles; e, por três sábados, disputou com eles sobre as Escrituras» (Actos 17:2).

Um Nome que Anticipa o Futuro

O nosso nome leva-nos à experiência do capitão José Bates, que no seu estudo descobriu na Bíblia, com admiração, que o Sábado é sagrado. O nosso nome leva-nos ainda a olhar para o futuro e compreender o momento solene em que seremos alvo da atenção universal, porque «o sábado será a pedra de toque da lealdade; pois que é o ponto da verdade especialmente controvertido» (*O Conflito dos Séculos*, pág. 445). «O assunto do sábado estará em evidência no grande conflito final, no qual estará envolvido todo o mundo». — *Testimonies*, vol. 6, pág. 352.

Finalmente o nosso nome, leva-nos em antecipação à gloriosa habitação de Deus, o lar dos remidos, onde «desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor» (Isa. 66:23).

O nosso nome torna-nos campeões do dia do Senhor. Porque enquanto nos lembrarmos do nosso dever e do nosso privilégio, seremos designados «reparadores de brechas». «Se desviares o teu pé do sábado, e de fazer a tua vontade no Meu santo dia;... e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras então te deleitarás no Senhor (cap. 58:13, 14). Enquanto honrarmos fielmente o santo dia do Senhor, lembrar-nos-emos que este dia é «um sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o Senhor vosso Deus». (Ezeq. 20:20).

Os Adventistas do Sétimo Dia são depositários de nome sagrado de Deus e da Sua verdade. Nós constituímos a Sua igreja. Temos a responsabilidade e o privilégio de representar o seu carácter por meio das nossas vidas diárias. Temos a solene missão de partilhar com todos os homens as boas novas da herança eterna. Ajuda-nos, Senhor, a sermos merecedores do Teu nome e da responsabilidade de viver na hora actual.

A Igreja - A Sua importância

Por E. Willmore Tarr

Foi meu privilégio visitar no ano passado igrejas em muitas terras. Algumas eram pequenas, com um número reduzido de membros. Outras tinham centenas e até milhares de pessoas. Mas fossem pequenos ou grandes, estes grupos formavam igrejas, as quais tinham algo em comum. Os escritos do Espírito de Profecia referem-se a este ponto comum «Fracas e defeituosas como possa parecer, a igreja é o único objecto sobre que Deus concede em sentido especial a Sua suprema atenção». — *Actos dos Apóstolos*, pág. 12.

Mas se o pensamento de que a igreja é o objecto da suprema atenção de Deus, nos devia incutir coragem, não seja isso considerado como um veículo no qual possamos ir até ao céu. Os filhos de Deus não se salvam como igreja em si. Salvam-se como indivíduos. A maneira como vivemos hoje como indivíduos determinará quão aptos estaremos para a vida futura.

Farece apropriado, que hoje, num dos dias desta semana especial, abordemos alguns factos essenciais. Onde vamos nós — hoje — amanhã? Será a nossa vida um círculo de precipitação, correria e espera? Sentimos por vezes que há mais confusão no nosso coração do que calma pela qual oramos? Por outro lado, encontramos nós tempo para as coisas importantes da vida — tais como Deus, a igreja, a nossa família, o livro de Deus, as devoções diárias, o serviço cristão? Se tivéssemos de fazer uma lista das centenas de coisas que para nós são hoje importantes, o que acabamos de mencionar devia ocupar um lugar de prioridade.

Costumamos dizer que o mundo se está a tornar cada vez mais pequeno, que a revolução nas comunicações e transportes trouxe como resultado uma vida agitada. Mas mesmo hoje há pessoas que se sentem deveras pequenas; o mundo parece demasiado grande para elas. Embora a terra tenha sempre o mesmo tamanho, cada pessoa estabelece os limites do seu próprio mundo. Ela escolheu o seu tamanho.

No ano passado, no dia 26 de Julho, a senhora Sharon Sites Adams embarcou para a baía de San Diego, na Califórnia. Esta foi a primeira mulher a atravessar sozinho o oceano Pacífico num barco à vela. Ao ser interrogada sobre a sensação que teve ao se ver rodeada por milhares de quilómetros de oceano, respondeu: «A visibilidade num dia limpo, não vai além de 20 quilómetros. Num dia de nevoeiro, não passa da dimensão do barco.... O nosso mundo continua a ser o que podemos ver. Surgirá uma mudança sempre que a vida sofrer uma transformação íntima».

O mundo nunca será demasiado grande para nós se o Senhor do universo for o Senhor da nossa vida. «Não rejeiteis, pois, a vossa confiança», exorta o apóstolo Paulo (Heb. 10:35). E tendo depositado a nossa confiança na Sua direcção, o apóstolo insta para que andemos como é digno da vocação com que fomos chamados».

O repto lançado à Igreja

O grande tesouro que a igreja tem para a humanidade de todas as eras é sem dúvida «as boas novas» que trazem esperança e significado à vida. O repto é lançado por Jesus à igreja e aos seus membros: «Portanto ide, e ensinais todas as nações» (Mat. 28:19). Esta foi a ordem de marcha dada então aos seguidores de Cristo; ela ainda é válida e sê-lo-á até à Sua vinda. Este foi o começo de um movimento vibrante que se sentiu possuído de uma importante e urgente comissão de ir até aos confins da terra. Os discípulos e a igreja primitiva não incluíram na sua missão a reforma da sociedade nem das estruturas políticas. A sua missão transcendia estes assuntos. Eles não eram alheios às necessidades de uma humanidade cheia de sofrimento, nem às necessidades dos pobres que os rodeavam. Estas necessidades foram supridas por meio de sacrifício, quer pessoal quer colectivo. Mas o objectivo primário da igreja e dos seus dirigentes foi a promulgação de boas novas

de salvação e do chamado à preparação para a volta de Cristo.

Assim hoje necessitamos de nos entregar completamente à obra que nos foi confiada pelo Senhor, tendo em mente que o objectivo total da igreja é evangelizar. É nossa responsabilidade como membros da igreja cuidar que o ênfase seja dado onde pertence — a comunicação da fé aos outros.

Este ênfase no evangelismo não tem por fim depreciar o valor da acção social. Longe disso! Os membros de um corpo influirão na vida social demonstrando pelas suas vidas e esforços a sua dedicação pelo próximo. A acção social é o fruto da fé cristã. Onde não existe preocupação social, não existe fé. A graça que para nós é bênção, sai de nós transformada em bênção para os outros.

Olhando para a Igreja

Terá a igreja hoje importância? Esta é uma pergunta que se faz cada vez mais urgente e frequentemente. Tomemos como caso a nossa igreja.

A igreja adventista de sétimo dia tem-se desenvolvido. Os seus membros baptizados rondam os dois milhões, dos quais mais de um terço foi acrescentado durante a última década. Os donativos *per capita* ultrapassam os dos membros da maioria das outras igrejas. Como afirma o Dr. William Wahlen numa publicação católica oficial, a igreja adventista do sétimo dia mantém um número prodigioso de missionários em todo o mundo: «Apenas um número reduzido de países, entre eles o Afeganistão e o Vaticano, não possuem ainda um contingente de missionários adventistas!» (*The Seventh-day Adventists*, pág. 13).

Mas será a envergadura e o crescimento prova suficiente da importância da igreja? Talvez não inteiramente.

Hoje a igreja vê-se a braços com a tarefa imensa de se manter em dia com mudanças, métodos modernos, ao mesmo tempo que comunica com as pessoas. O mundo está sempre em movimento. Sofreu mais mudança nos setenta anos do século vinte, do que em todos os séculos precedentes desde o nascimento de Cristo! Alguns de nós temos sido testemunhas das metamorfoses por que o mundo tem passado, no último meio século. Recordamos mesmo os dias da carroça e dos burros, e assim podemos apreciar

até que ponto a vida e os valores humanos sofreram alteração. Duas guerras mundiais, uma depressão avassaladora, outras guerras, a revolução atómica, as fantásticas aventuras no espaço, todos esses são aspectos visíveis do impacto destes anos plenos de significado para a vida dos homens e mulheres que habitam a terra.

Rapidamente avançamos em direcção da idade electrónica. Para o cristão, todos estes acontecimentos salientam o facto de que o Deus da história está também activo juntamente com o povo que o serve!

Paralelamente às maravilhosas transformações tecnológicas, um vento de incerteza varre o mundo. Apesar dos triunfos da ciência e da tecnologia, existe uma falta de fé, uma falta de confiança no futuro. Verifica-se uma tendência crescente em duvidar da capacidade do homem em resolver os seus problemas pessoais. Nota-se uma estranha inquietude.

O eminente psicólogo Erik Erikson, ao escrever há alguns anos a propósito da controvérsia sobre a «morte de Deus», afirmou que há alturas em que «um senso repentino de alienação se faz sentir por toda a parte». Ele apresentou como causas desta alienação as ansiedades interiores agravadas pela decadência das instituições existentes que no passado têm servido de âncora. Uma outra causa, disse, é «o terror do vazio da existência».

Dir-se-ia que o verdadeiro problema do mundo de hoje não está nos biliões de dólares dispendidos na exploração espacial ou mesmo na guerra. Nem tão pouco a tecnologia do homem, não obstante o facto de tantos hoje sentirem que não são mais do que um elemento de estatísticas IBM! O verdadeiro problema do homem é a sua separação de Deus, a qual gera egoísmo, cobiça, avareza, ódio, preconceito e guerra. À medida que se esvai a fé em Deus, avulta-se o sentimento de solidão. Muitos sentem-se perdidos no vasto universo do espaço, sem possuir algo que faça de âncora e que dê um significado ou um objectivo à vida.

Mesmo entre os que crêem em Deus, há quem possua o desconfortável sentimento de que Ele se encontra longe de nós, escondido por detrás das galáxias e das estrelas.

Em defesa própria o homem começa a construir o seu próprio pequeno mundo, um

pequeno mundo de conformismo, de pessimismo, de rebelião, de confrontação, de tranquilizantes, de fortificantes, de marijuana, de «nova» moralidade. Frequentemente este mundo alterado é aceite sem o senso de culpa, porque a ética em vigor informa o homem de que os tempos mudaram. Pretende-se que a resposta às questões morais já não se encontra no «Assim diz o Senhor» mas no contexto da situação em que surgem. Existe apenas uma norma para o comportamento humano, diz a «nova» moralidade, o amor. Disticos, cartazes, anúncios, declaram: «Haja amor, e não guerra». A palavra *amor* é exaltada por toda a parte.

Muitas pessoas — especialmente jovens — defendem que o amor é a solução dos problemas do mundo. Mas compreendem elas qual é o significado do amor? O Dr. Eugene Carson Blake, secretário geral do Concílio Mundial das Igrejas, fez notar recentemente: «Os grandes vocábulos cristãos estão a ficar demasiado gastos. O amor parece ser o sentimento que existe entre as estrelas de cinema». Jovens adolescentes pretendem amar toda a gente. Que conseguem eles afinal? Numa recente visita ao Afeganistão, verifiquei mais *hipies* e adolescentes estrangeiros descalços nas ruas de Kabul que vejo nas suas terras natais. Alguns dos mais horrendos crimes de 1969 foram cometidos sob a protecção deste emblema. Será que o estado de coisas vai melhorar na nova década que entrou?

Não é suficiente a exploração espacial

Se é necessária a exploração espacial para que o homem se aproxime mais de Deus, então todo o dinheiro e esforço dispendidos são bem empregues. Um dos principais técnicos de experiências lunares, o Dr. Rodney Johnson, da NASA, com sede em Washington, D. C., assim pensa. Num discurso pronunciado após a alunagem da *Apollo 11*, afirmou: «O homem que procura Deus, tem sempre olhado para cima.... É sempre mais fácil considerar os valores espirituais diante da imensidão das maravilhas do espaço do que diante de uma rosa ou uma orquídea exóticas».

Muitas pessoas, particularmente as de mais idade, sentiram-se impressionadas e reconfortadas quando os astronautas, enquanto no espaço observavam a vagarosa rotação da terra, decidiram ler no livro do

Gênesis o relato do princípio de todas as coisas que existem sobre a terra. E ainda quando os três astronautas da *Apollo 11* agradeceram a Deus e aos povos da terra por terem tornado a viagem possível. Um deles leu do Salmo 8 palavras de louvor a Deus. E então à medida que a terra se aproximava rapidamente, aparecendo cada vez maior no ecrã de televisão, o comandante da aeronave exclamou: «A todos os que esta noite nos ouvem e observam, que Deus vos abençoe!»

Tornou-se porém evidente que algum possível significado religioso desta «magnífica aventura do espaço» escapou à maioria das pessoas. Toda a gente ficou impressionada, mas não reconfortada. Olhando para a terra como uma pequena parte de um universo dinâmico e imenso, alguns procuraram compreender a fé cristã em termos de idiomas e símbolos provenientes de um universo centrado no nosso planeta. A religião parecia afirmar o que a maior parte das pessoas não mais tinham fé. Mas tal tendência levava apenas a salientar como importante o que na realidade era secundário.

Com efeito as igrejas nominais não são mais lugares onde os homens podem encontrar a salvação do pecado; não mais se é ali transformado pelo Espírito de Deus. Realça-se sim a igreja como local de agradável convivência, onde as pessoas com hábitos semelhantes se juntam. O ênfase parece convergir num deus que é o símbolo do conforto e da segurança, e não num Deus que chama ao arrependimento e ao serviço de sacrifício. Com tudo isto, não admira que haja pessoas que digam: «como não há Deus» ou «como eu creio que Deus morreu, sinto-me livre para viver da maneira que me agrada melhor».

Um povo com uma Mensagem

Este é o mundo onde os adventistas do sétimo dia devem proclamar a mensagem do Livro — «A Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva». (Isa. 8:20). Esta não é uma mensagem de importância secundária. Eis um povo que sabe que um «assim diz o Senhor» é tão importante ontem como hoje — um povo que compreende que embora a humanidade mude, Deus nunca muda. Eis um povo que sabe que embora os

métodos e as técnicas mudem, as verdades da Palavra de Deus são eternas.

Este é um movimento, centralizado em Deus, que Ele colocou no mundo dos nossos próprios dias, e sem dúvida que Deus não se enganou ao fazê-lo. Esta não é mais uma igreja que divide o mundo cristão. Ela representa mais do que a guarda do sábado ou do domingo; mais do que a abstenção de comer porco, ou de poluir o «templo do corpo» com álcool, tabaco e narcóticos. É mais do que ajudar a construir templos e edifícios onde as pessoas se possam reunir para orar. Se a igreja fosse apenas isto, seria muito mais confortável fazer o que toda a gente faz — ir à igreja domingo de manhã e à praia ou ao estádio de tarde. Mas este povo está ligado à profecia; é um movimento que tem por fim congregar homens e mulheres de todos os cantos da terra com vista à preparação do mais solene e glorioso de todos os acontecimentos, a segunda vinda do nosso Senhor. «Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça». (II Pedro 3:13).

Há cerca de vinte anos morreu um tio meu. Como ministro ele tinha servido a igreja adventista na África do Sul durante mais de cinquenta anos. Pouco antes da sua morte, deu o seguinte testemunho:

«Sei que estou no limiar da vida. Sei que não mais estarei sujeito aos acasos da vida, às pesadas responsabilidades, às privações, fruto dos anos do meu labor.

«Mas declaro perante Deus que 'nunca foi a minha esperança tão vívida, nem a minha coragem tão sólida; nunca se encheu o meu coração de um desejo maior pelo dealbar de um novo dia!'

«Saudoso e confiante, contemplo esta hora de crepúsculo e exclamo: Vem Senhor Jesus, vem depressa!»

Não será tempo de nos examinarmos a nós mesmos, certificando-nos que Deus não morreu para as nossas vidas pessoais? Não podíamos nós, hoje mesmo, agora mesmo, decidir que pela graça de Deus escolhemos a vida e o bem, em vez da morte e do mal? Possamos nós exclamar, do âmago do nosso ser: «Vem, Senhor Jesus, vem depressa».

Terça-feira, 24 de Novembro de 1970

A Igreja - Os Seus Membros dedicados

Por W. M. Starks

O câmbio de divisas internacionais possibilita o intercâmbio das necessidades vitais de uma nação com a outra. Deus abençoou cada nação, assim como cada pessoa, com algumas comodidades, e talentos necessários ao bem estar de outrem. Cada nação, cada homem, tem uma razão de ser e devia sentir-se incompleto só por si. Deste modo agregaria a humanidade em estreita fraternidade, unindo os corações e as almas.

O dinheiro possui um poder quase ilimitado para abençoar ou amaldiçoar a humanidade. Por meio da sua carência ou desperdício, é possível privar os famintos de pão, os que não têm abrigo de casa, os nus de vestuário, os escri-

vos da liberdade, os doentes da cura, e os vivos da vida.

No sentido espiritual, a falta de fundos pode privar as pessoas do pão que vem do céu; que se alguém dele comer, nunca mais terá fome. Pode privar da água da vida, que nunca mais deixará sedento o homem que dela beber. O facto de por vezes não se saber como utilizar os fundos, pode ser comparado ao esconder debaixo de um alqueire, a luz que devia alumiar todos os homens que vêm ao mundo; pode privá-lo no fim de receber o inestimável dom da imortalidade gloriosa.

A Mensageira do Senhor diz-nos que «pôs Ele (Deus) meios nas mãos dos homens, para que os Seus dons divinos

possam fluir através de canais humanos, fazendo nós a obra que nos foi designada, de salvar os nossos semelhantes». — *Conselhos sobre Mordomia*, pág. 15.

O poder que o dinheiro tem de abrir e fechar a porta quer da vida física quer da vida espiritual torna-o um elemento moral e espiritual. Só por si os sofrimentos do corpo humano neste mundo de miséria e pecado são mais do que suficientes para esgotar os tesouros actuais de toda a caridade cristã. Ainda mais, o sofrimento intenso do espírito humano não pode ser avaliado. Quão necessário se torna portanto para uma igreja que pretende ter a solução para as necessidades quer do corpo quer do espírito, de se erguer na sua estatura completa ante as obrigações morais e espirituais.

Uma Ordem que não foi Revogada

A ordem «Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho» dada por Jesus, não foi revogada. Embora a igreja devesse receber a colaboração dos agentes divinos, é-nos dito que «nos Seus sábios planos, Deus tornou o avanço da Sua causa dependente dos esforços pessoais do Seu povo, e das ofertas liberais» — *Testimonies*, vol. 4, pág. 464. Deus conta com os homens para o financiamento do programa de evangelização. «Deus não depende dos homens para a manutenção da Sua causa. Poderia ter mandado meios directamente do céu para suprir o Seu tesouro, caso assim houvesse a Sua providência achado melhor para o homem. Poderia ter idealizado meios pelos quais houvessem sido enviados anjos para anunciar a verdade ao mundo sem a instrumentalidade humana. Poderia ter escrito a verdade nos céus, e deixar que isso declarasse ao mundo os mandamentos em caracteres vivos. Deus não depende da prata ou ouro de homem algum.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 369.

Porque permitiu Deus que o sucesso da Sua causa dependesse dos esforços pessoais e das ofertas liberais do Seu povo? A resposta é não só clara, mas também significativa: «Para que o homem não perdesse os benditos resul-

tados da caridade, o nosso Redentor formou o plano de alistá-lo como coobreiro Seu. Deus poderia ter atingido o Seu objectivo de salvar pecadores, sem o auxílio do homem; mas sabia que o homem não poderia ser feliz sem desempenhar uma parte na grande obra». — *Conselhos sobre Mordomia*, pág. 13.

Ninguém pode ser, nem sentir que é, uma parte da organização, sem nela participar. Não pode partilhar do espírito ou das alegrias das suas consecuições. Porque mesmo se os seus coobreiros não o condenarem, a sua consciência o fará, e os seus esforços por se regozijar soarão a oco. Da sua própria experiência, os 144.000 cantarão «um cântico novo diante do trono» que mais ninguém podera aprender. (Apoc. 14:3).

A participação confere o senso do preço, e é o senso do preço que por sua vez desenvolve o senso do valor. Sem isto, uma coisa de valor será subestimada, e em breve será deitada fora.

O direito de primogenitura dos tempos antigos era muito considerado. Os seus privilégios conferiam ao seu possuidor não apenas uma porção dupla dos bens de família, como também outorgava uma preponderância espiritual. Ele tornava-se o sacerdote da família. Esta era a herança de Esaú. Mas ele desprezou ou subestimou o direito de primogenitura, por estar completamente destituído do senso de preço e valor. A sua deficiência em ambos estes pontos torna-se bem clara quando lemos que ele concordou em a trocar — por um «guisado vermelho», troca essa que confirmou por juramento (Gen. 25:33). Se ele possuísse o senso do valor da primogenitura, nunca a teria vendido por tão baixo preço.

A redenção da raça caída custou ao céu um preço que nunca poderá ser avaliado. Paulo, o erudito e dedicado apóstolo, desiste de fazer um cálculo, e diz simplesmente: «Graças a Deus, pelo Seu dom inefável» (2 Cor. 9:15). Para nos dar o senso do preço e do valor, para que possamos compreender, em pequena medida que seja, o preço de compra da nossa salvação, Deus pedenos os dízimos e as ofertas liberais. Por meio de um sistema sistemático de do-

nativos, dados como que em sacrifício, tornamo-nos progressivamente do «dom de Deus» e do seu inestimável valor, agarrando-nos a ele, mesmo que isso faça perigar a própria vida!

Um Ministério Cheio de Significado

O mundo tem ouvido durante séculos a pregação das doutrinas da igreja cristã, mas as doutrinas e as teorias da verdade não são suficientes; elas não fazem mais do que fazer reviver a esperança do homem. A nossa piedade e santidade práticas validam e cumprem essas doutrinas. Aquelas constituem as costelas, o esqueleto do nosso cristianismo; estas formam a carne e os músculos. Os esqueletos só por si não são atraentes e não dão vida a um corpo. Cornélio era conhecido pela aplicação prática da sua filosofia religiosa. Embora não fosse um cristão praticante, os fundamentos da sua fé vieram à tona de maneira tangível, quando manifestou um amoroso cuidado pelo próximo. É o seguinte o testemunho que dele dá o céu: «As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus» (Actos 10:4). Os homens darão ouvidos à nossa teologia apenas quando ela for expressa em linguagem que possam compreender, e quando a sua preocupação primária for o bem estar dos outros.

É nesta área de participação financeira que a igreja enfrenta o seu maior repto e o mais probante teste. Nada põe mais à prova a sinceridade da igreja ou o significado da religião cristã do que o grau de participação financeira na tarefa de levar o evangelho a todo o mundo. Uma vez que o dinheiro se tornou a chave da porta de todas as comodidades que mantêm a vida física, é na medida em que o partilhamos que revelamos o nosso senso de valores. Essa atitude exprime em termos inequívocos que mundo possui o nosso interesse e que vida vale mais para nós — a vida e o mundo que agora possuímos, ou a vida e o mundo vindouros.

O conselho de Paulo a Timóteo ajuda-nos a analisar a nossa relação com os bens materiais. «E se nós temos alimento e vestuário, com isso devíamos

ficar satisfeitos» (I Tim. 6:8, Weymouth). Como filhos do Rei somos em certo sentido cidadãos do céu e não deste mundo; portanto, enquanto nos encontrarmos nesta terra somos estrangeiros e peregrinos. Não é nossa finalidade aqui viver como se já nos encontrássemos no nosso lar permanente. Estamos apenas de passagem, e tudo o que verdadeiramente necessitamos, é apenas o indispensável para o percurso da viagem da terra ao céu. Sermos encontrados quando o Senhor vier com abundância dos bens deste mundo, tendo a consciência das necessidades de um mundo que perece, é desempenhar o papel do servo infiel, que escondeu o talento que o seu senhor lhe dera. É agora, hoje, que todo o consagrado cristão adventista do sétimo dia deve entregar no tesouro do Senhor todos os dons do Espírito e todo o dinheiro que possua que não seja necessário para alimento, abrigo, vestuário, e para a preparação da família para o reino de Deus. E há milhares de pessoas para quem este apelo tem uma razão de ser. Possuímos nós a fé necessária para crer nisso? Temos nós a força para o fazer? Podemos e devemos, ajudados pelo Senhor. Porque se cremos sinceramente, não tardará que comece a ser depositado no tesouro do Deus vivo um oceano de meios com destino a um mundo física e espiritualmente faminto e sedento.

Proporcionalmente, os nossos esforços nunca se poderão comparar aos dos israelitas de outrora. A sua contribuição total para fins caritativos e religiosos era cerca de um quarto dos seus lucros. Alguns deram mesmo um terço dos seus ganhos. A nosso respeito declara a ser-va do Senhor: «O sistema ordenado aos hebreus não foi rejeitado ou afrouxado por Aquele que lhe deu origem. Em vez de haver perdido agora o seu vigor, deve ser mais plenamente cumprido e dilatado, pois a salvação em Cristo unicamente deve ser apresentada em maior plenitude na era cristã. ...

«O evangelho, estendendo-se e ampliando-se, exigia maiores providências para manter a luta depois da morte de Cristo, o que tornou a lei de dar ofertas necessidade mais urgente que sob o governo hebraico. Agora Deus requer,

não menores, mas maiores dádivas que em qualquer outro período da história do mundo». — *Testemunhos Selectos*, Vol. I, pág. 371.

O Evangelho Significa Boas Novas

O evangelho de Jesus Cristo significa boas novas. Estas são as boas novas de um antídoto para todo o mal e um remédio para todas as doenças do homem. Há reabilitação completa em Jesus Cristo. Ela começa aqui e agora, e será completada nos dias que estão à nossa frente. Estas boas novas devem atingir os milhões que sofrem em toda a terra. Devem ser proclamadas até aos confins do planeta, curando o físico e a alma. Devem trazer esperança aos desesperados, ajudar os necessitados, dar vista aos cegos, energia aos fracos, descanso aos cansados.

Havia uma professora primária de certa escola de igreja que não hesitava em apresentar o evangelho aos pequenos que estavam ao seu cuidado. Alguém na classe acabava de perder um ente querido, e aquelas mentes em flor procuravam descortinar o que seria o «vale da sombra». A professora procurou iluminar a dúvida explicando que os meninos que amam o Senhor ressurgirão na primeira ressurreição, para nunca mais morrerem. Então convidou-os a cantar um hino cujas palavras dizem assim: «Vinde e dirigi-vos para essa terra, para a qual eu vou». Quando cantavam, um rapazinho que não tinha a fé

adventista, pondo freneticamente a sua mão no ar, dificilmente podia reprimir a sua alegria. «Senhora professora», exclamou. «Mas essas são boas novas! Onde é que ouviu isso? Foi no rádio? Foi na televisão? Os meus paisinhos já sabem?»

Sim, o evangelho de Jesus Cristo é uma boa nova. Fala do Seu amor pela humanidade perdida, do Seu ministério de reconciliação obtido na dura cruz do Calvário; é a boa nova que nos diz que Ele embora tenha morrido, encontra-se agora vivo para sempre, tendo em Seu poder as chaves do céu e do inferno; é a boa nova de que todos os que morrerem n'Ele ressuscitarão; é a boa nova de mil anos de reinado no céu tomando posse de uma herança eterna um novo céu e de uma nova terra, onde habita a justiça; é a boa nova de uma vida eterna onde não haverá mais separação por toda a eternidade. E estas boas novas devem ser anunciadas através da rádio, da televisão, da página impressa, pelo nosso alcance, até que todas as nações sejam despertadas e o mundo iluminado! Possa Deus dar à Sua igreja hoje o espírito de entrega total, para que esse glorioso dia não possa tardar.

OS HOMENS DARÃO OUVIDOS À NOSSA TEOLOGIA, APENAS QUANDO ELA FOR EXPRESSA EM LINGUAGEM QUE POSSAM COMPREENDER:

Quarta-feira, 25 de Novembro de 1970

A Igreja - A Sua missão

Por W. R. Beach

Os escritores do Novo Testamento empregam várias ilustrações para descrever a Igreja. Cristo é a videira, os membros de igreja são as varas; Ele é o pastor, eles, são as ovelhas; Ele é a cabeça do Seu corpo, a igreja, da qual, os crentes são membros

orgânicos. O apóstolo Paulo descreve de forma particular a assembleia do povo de Deus como sendo o corpo de Cristo. «Vós sois o corpo de Cristo, Seus membros em particular», escreveu ele aos coríntios (I Cor. 12:27). Se este conceito de corpo deve ser

interpretado literal, ou metafóricamente é ainda tema de discussão entre os estudiosos do Novo Testamento. A principal implicação, não há dúvida, é que a Igreja de Deus é a presença de Cristo no mundo através do Espírito que nela habita.

Quando Deus habitou na carne, os homens conheciam a Sua vontade pelas palavras que Jesus falava, pelos feitos de amor que realizava e pela vida que vivia quando andava entre eles. Ao aproximar-se o fim do Seu ministério terrestre, Jesus reuniu junto de Si um grupo de discípulos. Estes vieram a ser conhecidos como os «chamados». A seguir à crucifixão e ressurreição foi dado o Espírito a este grupo a fim de que pudesse continuar no corpo de Cristo o Ministério que Ele começara.

Ao crescerem os discípulos em número, tornou-se necessário sistematizar um pouco mais a vida da comunidade. No princípio os discípulos não estavam separados da sua raça, da sua cidadania ou da sua ocupação. Testemunhavam simplesmente onde quer que fosse possível durante os dias de actividades comuns. Em breve, porém, a complexidade da tarefa exigiu que fossem apartados homens para o ministério da Palavra, segundo os seus dons pessoais. Na carta aos efésios (Efé. 4:11, 12), Paulo menciona a variedade de maneiras em que os homens ministrariam a Palavra. Alguns eram ordenados para viajar até outros países. Em Antioquia, Barnabé e Saulo foram separados para a obra que o Espírito Santo os tinha chamado (ver Act. 13:2). A Igreja estava confiante de que Deus queria que estes homens trabalhassem em terras longínquas, mas, onde quer que os ministros laborassem, ali estava a Igreja cumprindo a tarefa designada. Na pátria ou no estrangeiro, esse ministério levava os fiéis ao cumprimento da comissão que Jesus lhes confiara.

A Igreja do Novo Testamento agia impedida pela mão divina. Acontecia algo aos primeiros cristãos que exigia obediência para com a ordem de evangelizar do Mestre. As realizações apostólicas eram grandiosas; o mundo era completamente agitado. Deus fez uma obra rápida sobre a terra. Pôde fazer uma obra rápida porque os «chamados» (Rom. 8:28) fizeram como lhes fora ordenado — todos unidos em acção.

Este padrão apostólico nunca foi modificado. «Toda a alma que Cristo salvou, é

chamada a actuar em Seu nome pela salvação dos perdidos». — *Parábolas de Jesus*, pág. 191. Cada associado da comunidade cristã deve levar a tocha ardente do evangelismo, começando com o seu vizinho e envolvendo a terra com as boas novas de Deus.

Assim, toda a Igreja serve como corpo de Cristo num ministério mundial. Evidentemente, este corpo não deve sustentar-se apenas a si mesmo; deve ministrar também a todos os homens, exactamente como fez o próprio corpo de Cristo quando Ele visitou os homens. Jesus comissionou os Seus seguidores a irem pelo mundo ensinando e pregando e curando, baptizando e fazendo discípulos. «Toda a criatura» (Mar. 16:15) devia ser objecto da solicitude da Igreja. Disse Jesus: «O campo é o mundo». (Mat. 13:38). Por conseguinte, a Igreja existe não só para si mesma, mas também para os que estão fora dela. Deve alcançar inexoravelmente para além dela, até que o Deus do Céu estabeleça um reino que «será estabelecido para sempre» (Daniel 2:44).

Milagres atrás das Estatísticas

Há mais de 125 anos a Igreja do remanescente aceitou o repto do Mestre e tornou-se um instrumento nas Suas mãos para a última fase da Sua Obra. Os membros desta comunidade marcham hoje com o Evangelho eterno a todas as nações, tribo, língua e povo (v. Apoc. 14:16). Laboram em 1.068 línguas e dialectos e asseguram a presença dos Adventistas do Sétimo Dia em países que representam 99% das populações da terra. Seria fácil e emocionante um sumário deste trabalho. Todavia, o tempo e o espaço limitam-nos a um breve relance de olhos sobre algumas pessoas e milagres atrás dos factos e estatísticas.

Típico do que acontece hoje em toda a parte é o avanço que se vê no Pacífico Austral. Cada ano que passou desde que John I. Tay desembarcou na ilha de Pitcairn em 1886 e trouxe toda a população da ilha para o rebanho da igreja remanescente, a Divisão Australasiana nunca teve um aumento médio de mais de mil almas, perfazendo o total de membros da área cerca de 90.000. Num ano (o último de que temos relatórios) os baptismos elevaram-se a 6.159 — um total que ultrapassou de longe o número de membros da Divisão depois dos

primeiros 30 anos da trabalho. E eu encontrei um segredo desta rápida expansão em Leone, subúrbio de Apia, Samoa americana. Temos agora ali um novo centro evangelístico erigido por Pulou Samana.

O irmão e a irmã Samana viviam em Los Angeles havia uns cinco anos. Ganhavam bem e podiam ter continuando uma vida confortável no «continente»; mas voltaram à sua terra natal e construíram uma igreja para proclamar a última mensagem de Deus ao mundo. Todos os Sábados, mais de 100 pessoas se reúnem neste belo edifício, muitas das quais são parentes e amigos. Cerimónias baptismas regulares são parte do programa.

Aldeia Adventista de Luku

Outro herói por detrás da notável marcha da Igreja é Luku Binte. Ele era pastor da igreja em Bunga, Sarawak. Foi enviado pelo conselho da Missão a começar o trabalho numa área perto da fronteira com a Indonésia. O povo era atrasado e supersticioso. Na noite da primeira reunião juntou-se um certo número de pessoas, mas o médico feiticeiro, saltando com estudado frenesim, assustou-as. e dispersou-as. Luku e o presidente da missão, que estava de visita, dormiram num lugar em que ameaçadamente estavam suspensos do tecto crânios humanos.».

O presidente da Missão regressou a casa e Luku empreendeu fazer quanto estivesse ao seu alcance para suscitar interesse entre o povo Dyak. Fez amigos para Cristo, e não passou muito tempo antes que obtivesse uma concessão de terra para começar uma nova aldeia Adventista do Sétimo Dia. A Missão proveu o tecto para uma casa e a própria igreja. Os materiais de construção foram trazidos de grandes distâncias pelo povo. Terminaram-se as construções e um grupo de cerca de 150 pessoas começou a reunir-se ao Sábado. A primeira cerimónia baptismal incluiu 33 Dyaks. Foi o maior número de baptisms em Sarawak.

Por esta altura as actividades de guerrilhas junto à fronteira com a Indonésia trouxeram dificuldades a Luku. Um dia, quando caminhava pelo meio do mato, foi capturado pelos soldados. Interrogaram-no exaustivamente. Ele contou-lhes acerca do seu trabalho, da nova aldeia de Butah e do seu propósito neste empreendimento. Os solda-

dos negaram-se a acreditar nessa história e prepararam-se para matá-lo a tiro se ele não lhes dissesse o que eles suspeitavam. A suspeita era, claro está, que ele era um espião do inimigo. Luáu insistiu em dizer que a sua história era verdadeira, mas não o acreditaram. Os soldados apontaram as suas armas e disseram: «Quando contarmos cinco faremos um buraco na tua cabeça».

«Esperai», sugeriu Luku. «Se me matardes nunca sabereis o que está dentro da minha cabeça, nem a verdade que tenho para vos dizer». Os soldados acharam que isso fazia sentido e acompanharam Luku à sua nova aldeia. Viram a nova igreja e as casas e imediatamente concordaram em que estava fazendo um bom trabalho. Deixaram-no sem lhe fazer mal e desejaram-lhe bom êxito. A obra continuou a crescer e quando Luku foi transferido, havia 87 membros baptizados. Hoje a igreja conta mais de 200 membros

Filipinos Adventistas

As vezes fiéis mensageiros não vêem a colheita que segue como resultado da sua sementeira. Um membro de igreja distribuiu cartões de inscrição da Voz da Esperança numa pequena aldeia perto da costa, nas Filipinas Centrais. Alguém que recebeu um destes cartões deitou-o para a berma da estrada, a caminho de casa. Mais tarde, uma dona de casa, cristã sincera, apanhou-o. Ficou imediatamente interessada na oferta de um curso bíblico por correspondência gratuito e enviou o seu pedido de inscrição, segundo as indicações do cartão.

Esta senhora ficou muitíssimo interessada nas lições; mas, cónscia da falta de interesse do marido em assuntos de religião, não lhe disse que estava estudando o curso bíblico por correspondência. Ao chegar às lições sobre o Sábado ficou convencida de que devia guardá-lo. Procurou informar-se se haveria outras pessoas que guardassem o Sábado e foi-lhe dito que na terceira aldeia a contar da sua havia alguns «sabatistas». No Sábado seguinte ela tomou o autocarro e foi ter com os «sabatistas». Viu que a aldeia não possuía nenhuma Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas havia uma família que partilhava a sua fé. Reuniu-se com esta família e passou ali um Sábado maravilhoso.

Em breve seu marido soube que a espo-

sa «andava metida» com essa «estranha seita». Proibiu-a de ter algo mais que ver com essa «nova religião». Porém, quando o Sábado seguinte chegou, esta sincera mulher sentiu que devia continuar o seu companheirismo com os que tinham fé semelhante à sua. O marido não conseguia compreender as suas razões e decidiu que dali para o futuro fecha-a-ia à chave em casa para que não pudesse desgraçar a família associando-se com os «sabatistas». Todavia, no Sábado seguinte, as paredes desta improvisada prisão não foram capazes de retê-la e ela passou o Sábado com os seus novos amigos. No fim de semana seguinte as portas e janelas de sua casa foram fortificadas de tal modo que foi impossível ela sair.

Deus tem muitos Caminhos

Deus tem muitas maneiras de ajudar os que O buscam. Neste Sábado de manhã chegou à ilha um barco para carregar copra (alimento feito de coco seco), e nesse barco vinha uma família missionária adventista. A família desembarcou e perguntou onde ficava a igreja adventista, porque desejavam assistir ao culto. Foi-lhes dito que não havia igreja «sabatista» na aldeia e, quanto soubessem, também não havia sabatistas. Nesse momento aproximava-se o marido desta senhora e ouvindo a conversa disse: «Minha mulher é uma sabatista dessas». O missionário respondeu: «Nós somos «sabatistas» e gostaríamos de visitar sua esposa». O marido dificilmente poderia recusar tal pedido e achou-se na embaraçante posição de conduzir a família missionária a sua casa, onde a esposa se encontrava prisioneira no seu próprio lar.

O marido ficou tão impressionado com esta cadeia de acontecimentos que também se inscreveu no curso bíblico por correspondência e, juntamente com a esposa, tornou-se o núcleo de outra comunidade de Adventistas do Sétimo Dia.

Histórias emocionantes de pessoas evidenciado mesmo milagres, poderiam multiplicar-se vindo de todas as terras. Talvez que uma das mais excitantes de todas venha da América do Norte. Há alguns anos, a área de Chicago foi varrida por uma epidemia de poliomielite. Em breve o Hospital Adventista do Sétimo Dia ficou cheio a transbordar. Tiveram que colocar-se doentes até nos corredores e átrios. Assim que

a grave doença se embargou, estes doentes foram enviados para suas casas, a fim de que pudessem dar lugar aos casos mais graves.

Um dos que foram enviados para casa era uma menina de doze anos, que morava na vizinhança. Duas enfermeiras tinham-se afeiçoado a esta menina de maneira especial. Elas iam todos os dias, nas suas horas livres, fazer-lhe hidroterapia e massagens bem como outros tratamentos prescritos pelos médicos. Fizeram isso durante meses até que finalmente a menina ficou boa. Naturalmente, os pais ficaram contentíssimos. Quiseram pagar às enfermeiras o seu trabalho. «Oh, não!», foi a resposta. «Fizemos isto porque tínhamos o maior interesse e afeição pela vossa filha!»

Esta família nunca ouvira falar de pessoas assim e em breve as notícias se espalharam na vizinhança. Eugene Kettering, filho do famoso Charles Kettering, e ele próprio vice-presidente da General Motors, e sua bondosa esposa souberam do caso. Os Kettering vieram ao Hospital e ficaram grandemente interessados nos serviços prestados pelo pessoal do Hospital de Hinsdale. Essa primeira visita foi o princípio de um continuado interesse na obra médica Adventista do Sétimo Dia.

O velho edifício em Hinsdale foi sujeito a uma restauração. O Sr. Kettering ofereceu-se para encabeçar a campanha de recolha de fundos. Ele e sua esposa iniciaram-na com uma contribuição de um milhão de dólares. Quando chegou a altura dos móveis do edifício da escola de enfermagem, eles ofereceram-nos na íntegra, como testemunho comemorativo às duas jovens enfermeiras.

Passado algum tempo o pai do Sr. Kettering morreu na sua propriedade em Kettering, Ohio, um subúrbio de Dayton. No seu testamento, o pai especificava que se devia iniciar um centro de pesquisas médicas e deixava um fundo para este propósito. Eugene Kettering, o único filho, era nomeado executor do testamento.

O Hospital Kettering

O Sr. Kettering, depois de ter tomado conselho, começou a fazer planos para um hospital de 100 camas. Quando a comunidade tomou conhecimento do caso, os seus dirigentes sentiram que precisavam de maior

número de camas, de um hospital maior e disseram que queriam associar-se nesse memorial a Charles Kettering. Fizeram-se, pois, arranjos para que se acrescentassem as segundas 100 camas. Eugene Kettering comprometeu-se a pagar pela terceira centena de camas. Em breve se tinha todo o dinheiro em mãos. Mas, como tal hospital? Eugene Kettering tinha um plano: iria pedir aos seus amigos Adventistas do Sétimo Dia que se associassem ao projecto! Antes de se terminar o hospital, a família Harrison, de Dayton, desejou também levantar um memorial a seu Pai, e assim acrescentou-se o quarto andar.

O Sr. e a Sra. Kettering estavam verdadeiramente interessados na obra médica dos Adventistas do Sétimo Dia e particularmente com o que nela se relacionava com a comunidade de Kettering. Deram à organização dos Adventistas do Sétimo Dia o edifício do novo hospital, o terreno à sua volta e ainda um assento de terra em frente ao hospital para a construção de uma igreja, sem quaisquer obrigações. Possuímos agora em Kettering uma das melhores instituições médicas da América do Norte. Eugene Kettering morreu prematuramente, mas o projecto continua e está em vias de completa execução.

Este é um dos melhores tributos ao amável cuidado de duas enfermeiras. O Kettering Memorial Hospital é um testemunho cristão perante o mundo das finanças e da medicina. Um dirigente norte-americano, que esteve internado em Kettering, escreveu recentemente: «Penso que seria uma

boa coisa para todos os cépticos deste perturbado mundo que é o nosso, passar alguns dias com o vosso grupo.... O ponto culminante da minha estadia foi quando uma noite, no momento de dormir, uma enfermeira estudante de Iowa veio ao meu quarto, já depois de ter terminado o seu trabalho. Trocaram-se umas quantas palavras agradáveis e ela fez então a mais bela oração em meu favor e em favor dos que estavam junto do meu leito. Posso dizer com verdade que a minha vida foi grandemente afectada para o bem por tal atitude cristã. Provera a Deus que nosso mundo tivesse milhões como ela».

Sim, o mundo precisa de mais pessoas como esta enfermeira ou como esses incontáveis outros que são as mãos e os pés para os milagres de Deus no dia presente: Consagrados obreiros assim têm de ser treinados e enviados. Para ir ao encontro das necessidades do mundo a Igreja precisa de renovar uma vez mais o seu espírito de sacrifício e dedicação. Cristo estabeleceu as bases para uma Igreja militante positiva, que agrupasse homens e mulheres para trabalharem unidos, lado a lado, determinados e fervorosos pela justa causa do Céu. Somente tal Igreja pode ser adequada para estes últimos dias. Intrépidos valentes de todas as raças e cores, devem avançar até ao pôr-do-sol desta terra. Que marchem, pois, com coragem e sucesso! E que nós nos juntemos a eles nesta senda de vitória, consagrando a nossa vida, tudo o que temos e somos, à Igreja de Deus e à sua missão para com o mundo!

Quinta-feira, 26 de Novembro de 1970

A Igreja - A Sua unidade

Por Kenneth H. Wood

Durante o meio século passado ocorreu um dramático fenómeno no mundo religioso. Ao longo de 400 anos — desde o princípio da Reforma Protestante em 1517 — as igrejas da cristandade têm-se dividido e subdividido, muitas vezes em grupos relativamente pequenos. Mas de repente, nos princípios

deste século de 1900, esta tendência foi invertida. Em todo o mundo, igrejas, que se tinham ignorado umas às outras (ou, em alguns casos, se tinham atacado cruelmente umas às outras), começaram a buscar meios de trabalhar em conjunto. Formaram-se Federações de igrejas em vários paí-

ses e em 1948 foi organizado em Amesterdao o Conselho Mundial das Igrejas, que hoje inclui cerca de 240 corpos.

Gradualmente a palavra «ecuménico» tornou-se parte do vocabulário de quase toda a gente. Fala-se do movimento ecuménico, do espírito ecuménico, dos objectivos ecuménicos, de dirigentes ecuménicos. Uma revista religiosa que foi fundada como «semanário não denominacional» começou a descrever-se a si mesmo, como «semanário ecuménico». O ecumenismo parecia estar no ar que respiravam os cristãos de todo o mundo. Dirigentes de muitas igrejas pensaram que tudo isto era prova de que o Espírito Santo estava agindo nos corações para remover o escândalo da divisão» e responder à fervorosa oração de Cristo de que os Seus seguidores «sejam um» (João 17:11-23).

Mas é o movimento ecuménico a resposta à oração de Cristo? Por que espécie de unidade orou Jesus? O que é a verdadeira unidade entre crentes, tal como está estabelecida na Palavra de Deus?

Exactamente antes de entrar no jardim do Gétsemane, na noite em que Jesus foi traído e julgado, Ele orou: «Pai Santo, guarda em Teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós». «Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela Tua Palavra hão-de crer em mim; para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em mim, e eu em Ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles e Tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade» (versículos 11, 20-23).

Unidade segundo o conceito de Deus

A expressão «como nós» apela para uma unidade bastante superior e completamente diferente da do movimento ecuménico. O ecumenismo diz: Trabalhemos juntos ainda que estejamos em desacordo em pontos importantes. Mas Cristo diz: Sejam um assim como Meu Pai e eu somos um. Os cristãos, como os membros da Divindade, devem ser um «em propósito, em mente e carácter» (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 422).

O apóstolo Paulo torna isto bem claro. Em Romanos 15 diz: «Ora o Deus de paciência e consolação vos conceda o mesmo sentimento uns para com os outros, se-

gundo Cristo Jesus para que concordes a uma boca, glorifiqueis a Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo» (versículos 5, 6).

E de novo em I aos Coríntios, capítulo 1, diz ele: «Rogo-vos, porém irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões, antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer». (v. 10).

Os cristãos devem ser *um* nas suas crenças principais, um nas «verdades fundamentais da Palavra de Deus» (*Conselhos aos Escritores e Editores*, pág. 79). Esta ideia de unidade tem sido mantida pelos Adventistas do Sétimo Dia quase desde o princípio. Em 1876, James White, um dos editores da *Review*, escreveu: «Em todas as importantes questões... é muito importante que a igreja permaneça em unidade». — *Review and Herald*, 12 de Outubro de 1876. Os dons do Espírito foram colocados na Igreja para «o aperfeiçoamento dos santos» para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus» (Efés. 4:12, 13).

É preciso estar cheio de boa vontade, na melhor hipótese, ou cheio de má compreensão, na pior, para reivindicar que a oração de Jesus por unidade tem sido respondida pelo ecumenismo enquanto alguns cristãos guardam o verdadeiro Sábado e outros guardam o Domingo, enquanto uns crêem na breve vinda de Jesus e outros consideram o assunto despropositado, enquanto alguns crêem no criacionismo e outros acreditam na evolução, enquanto alguns crêem em vida somente através de Cristo e outros crêem na imortalidade natural da alma. O movimento ecuménico, longe de cumprir a oração de Cristo por unidade é realmente uma babel de confusão. Assentar nisso é aceitar uma unidade falsificada. Efectivamente o movimento diz que não importa o que se cré.

Unidade na diversidade

Mas ao mesmo tempo que a unidade requer que os cristãos tenham a mesma fé nas verdades essenciais, não exige perda de personalidade individual ou abandono de opiniões diferentes em pontos de menor importância. «A unidade cristã não significa que a identidade de uma pessoa tenha de ser

submergida na de outra; nem significa, tão-pouco, que a mente de um deve ser dirigida e controlada pela mente de outro». — *Testimonies*, vol. 8, pág. 212.

A unidade cristã, como a unidade na natureza, engloba diversidade, e esta mesma diversidade acrescenta interesse e beleza à vida. Os cientistas dizem-nos que não há dois flocos de neve iguais, e todavia, em cor, propósito, temperatura e outras características, os biliões e biliões de flocos de neve são iguais. Não há dois seres humanos idênticos, contudo, todos têm os mesmos componentes básicos — braços, pernas, tronco, pescoço, cabeça. Seres humanos são prontamente identificáveis como *homo-sapiens* quer sejam altos ou baixos, machos ou fêmeas, pretos ou brancos, anglo-saxões ou orientais. O Mestre-Autor proveu unidade básica mas criou propositadamente variações. Seria o mundo um lugar melhor se os seus três biliões de pessoas fossem iguais em aparência e personalidade?

O mesmo princípio é válido para a unidade da Igreja. Embora os cristãos se unam em lealdade às verdades mais importantes, é também possível e provável que possam diferir de um modo ou outro nas suas interpretações e compreensão das verdades menores. «Raramente verão duas pessoas e exprimirão a verdade da mesma maneira. Cada uma se deterá em pontos particulares que sua constituição e educação o habilitaram a apreciar. A luz do sol incidindo sobre diferentes objectos, empresta-lhes tonalidades diversas». — *Mensagens Escolhidas*, livro Um, pág. 22. Esta variedade deveria ser bem-vinda, como o são as variedades na natureza, tais como as diferentes espécies de rochas, as diferentes fragrâncias das flores.

Altamente importante para a unidade da igreja é certamente a acção responsável por parte daqueles que sentem que vêem facetas de verdade para as quais os outros estão cegos. Frequentemente estas pessoas exageram a importância daquilo que vêem e tornam-se compulsivas nos seus esforços para persuadir outros a pensarem como eles. Como uma ave exigindo que as outras aves adoptem o seu colorido e o seu canto, têm uma ideia deturpada daquilo que Deus espera deles. E através do seu mal guiado zelo, falham, evidentemente, o seu próprio objectivo. Em vez de ajudarem a unidade da crença, destroem a verdadeira

unidade, a unidade que vê a variedade e a diversidade como um activo e não como um passivo.

Frequentemente as pessoas que pensam que a unidade exige uniformidade passam por alto o facto de que quando Jesus escolheu homens que deviam associar-se com Ele na edificação da Igreja primitiva, Ele os escolheu de diferentes meios, capacidades e temperamentos. Do mesmo modo, quando Deus proveu a Sua revelação através da Bíblia, escolheu diferentes espécies de homens para escrever. Nalguns casos incluiu mais do que um relato de um mesmo acontecimento.

«O Senhor deu Sua Palavra justamente pela maneira que queria que ela viesse. Deu-a por meio de diferentes escritores, tendo cada um a sua própria individualidade, embora repetindo a mesma história. Seus testemunhos são trazidos juntos em um só Livro, e são como as expressões em uma reunião de testemunhos. Eles não dizem as coisas exactamente do mesmo estilo. Cada um tem uma experiência sua, própria, e essa diversidade amplia e aprofunda o conhecimento que vem satisfazer as necessidades dos variados espíritos». — *Ibid.*, págs. 21 e 22.

Ilustrações de Unidade

Nenhum exemplo ilustra perfeitamente a espécie de unidade que devia caracterizar a Igreja, mas a figura da videira e das varas é cheia de significado. Disse Jesus: «Eu sou a videira, vós as varas» (João 15:5). «A unidade cristã consiste em as varas estarem ligadas ao tronco suportando o revitalizante poder do cepo os enxertos que se têm unido à Videira. Em pensamento e desejos, em palavras e acções, deve haver uma identidade com Cristo, uma constante participação da Sua vida espiritual». — *The Bible Commentary*, Ellen G. White *Comments on John 15:1-5*, pág. 1143. Todos os ramos recebem nutrição espiritual da mesma Fonte, porque todos estão ligados à Videira. Através desta ligação estão também unidos uns aos outros. Mas esta ligação não destrói a identidade das varas. Cada uma é separada e todavia todas estão unidas.

Outra ilustração da verdadeira unidade cristã é apresentada pelo apóstolo Paulo em I aos Coríntios, capítulo 12. Depois de descrever a variedade dos dons espirituais que

Deus colocou na igreja, diz ele: «Assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também». (versículo 12). Salieta a seguir que cada membro contribui para a eficiência do corpo e que cada um, por sua vez, é ajudado pela sua relação e ligação com o corpo.

Quão admiravelmente isto ilustra a Igreja! Na Sua providência, Deus concedeu-nos uma estrutura organizacional que permite a Seu povo movimentar-se como um corpo. Diferentemente de muitas outras organizações religiosas, a igreja remanescente em todo o mundo é uma, ligada à Cabeça, Jesus Cristo, «do Qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa cooperação de cada parte, faz o aumento do corpo para sua edificação em amor». (Efé. 4:16). Cada membro na mais remota estação missionária está ligado aos outros membros, quer seja na pátria ou no ultramar, e todos trabalham sob a direcção de Jesus Cristo.

Esta disposição, cremos, reflete a ordem e harmonia do Céu (ver *Testemunhos para Ministros*, págs. 28, 29). Cada membro de igreja devia considerar isso um privilégio e fazer a sua parte para que a igreja possa funcionar suavemente. Devia regozijar-se na íntima relação interna que torna possível o firme progresso da igreja, como um poderoso exército avançando contra as hostes das trevas.

Tal como cada membro deve procurar coordenar as suas actividades com todos os outros membros para o bem do corpo, assim também cada um devia estar disposto a abandonar opiniões pessoais por amor da unidade. Pode ser que por vezes seja necessário modificar ou abandonar uma crença que parece importante para nós. Não devíamos sentir-nos diminuídos por assim fazer; devemos antes ver que estamos contribuindo para o bem maior, a unidade do corpo de Cristo. Devíamos procurar ver se estamos reflectindo a ordem e o espírito do céu.

Sobre este ponto Ellen G. White disse: «Se alguém forma seu próprio conceito no tocante à verdade bíblica, sem atender à opinião de seus irmãos, e justifica seu procedimento alegando que tem o direito de pensar livremente, impondo suas ideias então aos outros, como poderá cumprir a oração de Cristo? E se outro ainda se levanta, ca-

da qual afirmando seu direito de crer e falar o que lhe aprouver, sem atentar para a fé comum, onde estará aquela concórdia que existia entre Cristo e Seu Pai, e para cuja existência, entre Seus irmãos, Cristo orou?

«Posto que tenhamos uma obra individual, e individual responsabilidade perante Deus, não devemos seguir nosso próprio critério independentemente, sem tomar em consideração as opiniões e sentimentos de nossos irmãos, pois tal proceder acarretaria a desordem na igreja ... Quem acha que nunca terá de abandonar uma opinião formada, e nunca terá ocasião de mudar de critério, será decepcionado. Enquanto nos apegarmos obstinadamente às nossas próprias ideias e opiniões, não poderemos ter a unidade pela qual Cristo orou». — *Testemunhos para Ministros*, págs. 29, 30.

A Necessidade de Unidade

Porque é necessária a unidade da igreja? Que influência terá?

Cristo orou por unidade entre os Seus seguidores, para que o mundo conhecesse que Deus O tinha enviado. Neste mundo é norma a desunião. Divisão, contenda, atritos pessoais, são coisas naturais. Somente um poder sobrenatural pode produzir harmonia e unidade entre os seres humanos. Assim, «existindo harmonia e união entre homens de variadas disposições, isso é o mais forte testemunho que pode ser dado de que Deus enviou o Seu Filho ao mundo para salvar pecadores». — *Testimonies*, vol. 8, pág. 242.

A unidade cristã é essencial não somente para providenciar prova convincente de que as declarações de Jesus a Seu respeito era verdadeiras, mas para tornar possível o cumprimento da comissão do Evangelho. Somente quando os crentes estão unidos a Cristo e uns aos outros pode a Igreja terminar a Sua tarefa.

Unidos para Brilhar

Uma noite, durante a Guerra Civil Americana, um jovem coronel sentou-se junto à sua tenda e pôs-se a pensar na esposa e na família. Desejava escrever-lhes uma carta, mas estava demasiado escuro e as velas escasseavam. Ao ver os pirilampus acenderem pequenos pontos luminosos na escuridão à sua volta, ele pensou: «Por que

não utilizar esta luz?» Momentos depois a sua ordenança colocou 25 ou 30 pirilampos num copo voltado para baixo sobre uma mesa na tenda. Com a luz unida desses pequenos insectos o coronel escreveu a sua carta.

Como um pirilampo, cada personalidade cristã tem uma luz que lhe é própria. Neste escuro mundo cada um dá a sua luz, cada um pode ser visto. Mas quando todos os crentes estão unidos uns aos outros e com Cristo, maiores tarefas podem ser realizadas e um mais forte testemunho pode ser dado.

Quão vividamente foi isto demonstrado no esforço dos Estados Unidos para chegar à Lua e explorá-la! Depois dos homens da Apollo 11 terem regressado à terra sãos e salvos, a revista *Christian Century* escreveu que o homem colectivo se tinha mostrado «capaz de combinar-se com uma surpreendente variedade de instituições e disciplinas num singular esforço transcendental... Esta orquestração de tecnologias e das visões que animam essas tecnologias — astronomia, física, geologia, química, biologia, medicina, electrónica e todo o resto — é um acontecimento de majestosa sinfonia sem precedentes... Agora sabemos que há possibilidades no homem colectivo que transcendem de longe o homem solitário, que temos de apoiar a nova geração de reconstrução teológica sobre essa descoberta». — *Christian Century*, 30 de Julho de 1969. Por si sós, sem as centenas de milhares de seus compatriotas que contribuíram com as suas capacidades e esforços, e o apoio da nação que financiou a missão, os astronautas nunca teriam sido capazes de ir à lua e voltar. Mas através do esforço unido foi realizado aquilo que indivíduo algum poderia jamais fazer.

A igreja primitiva compreendeu bem que «enquanto permanecessem unidos, a igreja avançaria 'formosa como a lua, brilhante como o sol, formidável como um exército com bandeiras'. Nada lhes obstará o progresso. Ela avançaria de vitória em vitória,

cumprindo gloriosamente sua divina missão de proclamar o evangelho ao mundo». *Actos dos Apóstolos*, pág. 91.

A experiência da igreja primitiva deve tornar-se a nossa, que somos a igreja da última geração. A unidade é um requisito prévio para o êxito na tarefa de levar a mensagem dos três anjos ao mundo inteiro, nesta geração. Deve preceder a recepção da chuva serôdia. Deve preceder o alto clamor. Caracterizará a Igreja no dia em que de Igreja militante passar a Igreja triunfante.

Está em nosso coração o anseio por esta unidade? Partilhamos nós a preocupação de Jesus de que o Seu povo «seja um»? Compreendemos nós quão importante é que a Igreja mostre unidade cristã?

Avancemos um pouco mais. Estamos nós dispostos a dar os passos necessários para conseguir a unidade? Estamos nós preparados para renunciar à obstinação? (*Testimonies*, vol. 5, pág. 94). Estamos prontos a humilhar-nos a fim de sanar as cisões que se podem ter desenvolvido entre nós e nossos irmãos — cisões criadas por diferenças doutrinárias, incompreensão ou inveja? Estamos dispostos a pagar o preço da unidade entre todos os ramos da obra de Deus — a obra médica, a obra educacional, a obra evangelística?

A serva do Senhor escreveu há muitos anos: «Que todo aquele que professa seguir a Cristo, estime-se em menos e aos outros em mais. Avançai juntos, avançai juntos! Na união há força e vitória; na discórdia e divisão, fraqueza e derrota. Estas palavras me foram dirigidas do Céu. Como embaixadora de Deus, eu vo-las digo.

Busquem todos, um por um, atender a oração de Cristo: 'Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, e és em Mim, e Eu em Ti. — *Tetemunhos Selectos*, vol. 2, págs. 190, 191.

Que cada um, individualmente, responda a este apelo. A oração de Jesus por unidade tem de ser hoje respondida pelo Seu povo!

A Igreja - A Sua Juventude

Por Robert W. Ohsan

Na primeira declaração de Jesus que nos é relatada, deu-nos Ele a nota tónica do trabalho da Sua vida. «Porque é que me procuráveis? — perguntou a Seus pais. «Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?» Com a tenra idade de 12 anos, Jesus tomou a decisão de aceitar os planos de Seu Pai para a Sua vida. Colocou fielmente os Seus pés no caminho que Lhe traria sofrimento, ignominia e morte terrível, mas esse era também o caminho que traria a salvação ao mundo. O exemplo de Cristo ensina-nos que mesmo um rapaz de 12 anos não é demasiado jovem para se ocupar dos negócios de seu Pai Celestial.

As vidas mais úteis da história foram vividas por homens e mulheres que se deram a si mesmos a Deus enquanto eram jovens. Em breves minutos vamos considerar alguns dos personagens mais influentes da Bíblia e alguns dos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

É de lamentar que pensemos frequentemente nos erros de David em vez de pensarmos nas suas virtudes. Deus chamou-o um homem segundo o Seu próprio coração (Actos 13:22). Jesus permitiu que Lhe chamassem o Filho de David (Mat. 22:42). Os Salmos, compostos sob a inspiração do Espírito Santo, têm trazido indizível conforto aos corações de milhões em todos os lugares da terra.

Quando era apenas um jovem, David colocou firmemente a sua face na direcção do seu Pai Celestial. Escreveu uma vez: «Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim; por isso que Ele está à minha mão direita, nunca vacilarei (Sal. 16:8). Quando ouviu o terrível desafio de Golias, não se preocupou com a sua própria segurança. «Quem é, pois, este incircunciso filisteu para afrontar os exércitos do Deus vivo?»

(I Sam. 17:26). A resposta do seu irmão mais velho revela que David era considerado demasiado jovem para a guerra (versículo 20). Quando Golias viu David, «desprezou-o, porquanto era mancebo» (v. 42). Embora David não tivesse mais de 17 ou 18 anos naquela altura, ele foi usado por Deus para trazer uma poderosa vitória a Seu povo. David é um exemplo clássico do que Deus pode fazer com um corajoso e consagrado jovem.

Cerca de três séculos mais tarde Isaías foi chamado para a sua missão profética quando era apenas um jovem. A inspiração chama-lhe «um jovem profeta» (*Test.* vol. 5 pág. 749). Quando ele ouviu a voz de Deus dizer: «A quem enviarei, e quem irá por nós?», Isaías respondeu com santa confiança: «Eis-me aqui; envia-me a mim» (Isa. 6:8). O ministério fiel deste piedoso profeta continuou durante cerca de 60 anos, desde 745 a 685 A. C. ano em que foi cruelmente morto por Manassés. A influência de Isaías, não só sobre os seus contemporâneos, mas também sobre todas as gerações que lhe sucederam, é impossível de ser completamente apreciado. Os escritores do Novo Testamento citam-no mais de 90 vezes. O incomparável capítulo 53 do seu livro tem levado os homens a chamar-lhe «o profeta do Evangelho». E que faríamos sem Isaías 35, 40, 43, 55, 58 e um exército doutras passagens que nos vêm à mente? Realmente, a decisão do jovem Isaías de se ocupar dos negócios de seu Pai significou boas novas para o mundo inteiro nos milénios por vir.

O jovem Daniel

De todos os heróis do Velho Testamento Daniel é, sem dúvida, um dos mais notáveis. Ele tinha «apenas 18 anos de idade quando foi trazido para

uma corte pagã as serviço do rei de Babilônia, e por causa da sua juventude a sua nobre resistência ao que era errado e a sua firme aderência ao que era justo é ainda mais admirável» (Ibid., vol. 4, pág. 570). Foi oferecida a Daniel uma educação gratuita na Universidade de Babilônia — a melhor do mundo. O maior rei que havia na terra, Nabucodonozor, dirigiria pessoalmente o exame final. As oportunidades para promoção no governo babilônico eram excelentes. Mas Daniel estava antes disposto a correr o risco de desagradar aos seus captivos, de perder todas as vantagens terrenas, e possivelmente a própria vida, do que comprometer os seus princípios. A alimentação que lhe era fornecida incluía vinho, carne de porco e de outros animais e certas iguarias, o que ele tinha evitado no passado e continuaria a evitar. Daniel sabia que devia ter uma alimentação simples para agradar a Deus e para manter vivas as suas percepções mentais, a fim de que fosse sempre capaz de discernir claramente entre o certo e o errado. Resolveu que, viesse o que viesse, ele haveria de trilhar a vereda da estrita obediência mesmo na licenciosa Babilônia. «Propôs no seu coração *não se contaminar*» (Daniel 1:8).

Deus abençoou de tal modo a Daniel e a seus três companheiros por causa da sua fidelidade para com Ele que depois de três anos de estudo eles eram «dez vezes mais doutos do que todos os magos ou astrólogos que havia em todo o seu reino» (v. 20). Honrou ainda Daniel concedendo-lhe, num período de mais de 70 anos, a mais importante série de profecias que se encontra no Velho Testamento. Um profeta moderno fez-lhe o maior elogio possível: «Exceptuando o Modelo perfeito, não há, descrito nas sagradas Páginas, um personagem mais digno de imitação do que o profeta Daniel». — *Our High Calling*, pág. 249. Quão agradecidos podem estar porque Daniel, quando era apenas um jovem numa terra estranha, fixou firmemente ser seu propósito ocupar-se dos negócios de seu Pai.

João, o visionário correspondente a Daniel no Novo Testamento, foi ainda outro jovem que na sua juventude se

dedicou sem reservas a Deus. Sendo um dos primeiros discípulos, João não teria provavelmente mais de 18 ou 20 anos de idade quando começou a seguir a seu Senhor. Não só era o mais jovem dos discípulos de Jesus, mas era também o mais ardente. «Com mais infantil confiança abria a Cristo o seu coração. Chegou assim a uma afinidade maior com Jesus, e por intermédio dele foram comunicados ao Seu povo os mais profundos ensinamentos espirituais do Salvador». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 213. Sem dúvida que aqui se faz referência a João 3, 6, 14, 15 e 16. Os setenta anos de serviço de João 27 a 06 A. D.) e o seu legado para a posteridade de cinco livros do Novo Testamento resultaram dessa decisão de aceitar a Cristo como seu Mestre.

Muitos dos mais nobres heróis da Igreja foram jovens. Isto é especialmente verdade em relação aos homens e mulheres cujos sacrifícios levaram ao estabelecimento da Igreja. Cinco dos seis principais pioneiros da nossa Igreja eram jovens. Ellen G. White era uma jovem de 17 anos quando em Dezembro de 1844 o Senhor colocou sobre ela o fardo do ministério profético. Estaria ela disposta a transmitir as mensagens de correção a um povo que frequentemente não desejava ser corrigido? Suportaria ela os rigores das viagens e sacrificaria o companheirismo dos seus entes amados e dos amigos durante meses para visitar as igrejas como Deus lhe mandava? O seu chamado era um chamado para o sacrifício — para dar-se completamente à obra de Deus na sua juventude.

O mundo tem sido milhares de vezes abençoado porque essa jovem decidiu aceitar o plano de Deus para a sua vida. Ela própria escreveu mais tarde: «Não há limites à utilidade de uma pessoa que, pondo de parte o próprio eu, oferece margem à operação do Espírito Santo na alma, e vive uma vida de inteira consagração a Deus». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 180. E provou que essa declaração era verdadeira nas suas cartas, nos seus artigos, nos seus livros e no seu ministério pessoal em três continentes. Porque Ellen, de 17 anos, disse *sim* a Deus, temos hoje

Aos pés de Cristo; O Desejado de Todas as Nações; O Conflito dos Séculos e cerca de 60 livros mais, cheios de grande poder espiritual. E os nossos dirigentes tiveram uma moderna Hulda, de quem podiam buscar — e buscaram — conselho seguro durante 70 anos. A extensão da influência de Ellen White sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia está para além de qualquer computação.

Outro pioneiro adventista, James White, tinha apenas 21 anos de idade quando se tornou um pregador milerita, no ano de 1842. Não foi para ele uma decisão fácil, uma vez que planeava ser professor e não tinha concedido muito lugar a Cristo na sua vida. Mas, ao ouvir a mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14:6, 7, convenceu-se de que devia unir-se aos que a proclamavam. Deus honrou-o certa ocasião enviando um anjo de forma aparente; para o livrar da fúria da uma multidão que se juntara à porta da igreja onde ele estava a pregar. Ao preparar-se para deixar o edifício um indivíduo completamente estranho tomou-lhe o braço e levou-o através da multidão enfurecida para um lugar seguro. Soltando o seu braço, James White voltou-se para agradecer ao seu benfeitor, mas este desaparecera completamente. Após o grande desapontamento de 1844, Deus usou a capacidade de organização, a fé e o impulso deste dedicado jovem para estruturar e dar forma à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Deu início a duas casas publicadoras, a Review and Herald Publishing Association e à Pacific Press. Serviu três anos como presidente da Conferência Geral. É difícil avaliar a contribuição deste homem de Deus à causa da verdade presente.

O Estudioso Andrews

No ano de 1849 um jovem alto e magro de 21 anos uniu-se ao crescente Movimento do Advento como pregador. J. N. Andrews fizera planos para uma carreira como seu tio, que era membro do Congresso dos Estados Unidos, pelo Estado do Maine. Mas abandonou todas as ambições políticas e usou os seus brilhantes talentos na proclamação da

mensagem do terceiro anjo. O Pastor Andrews, perito no uso de sete línguas, incluindo o Hebreu e o Grego, era geralmente reconhecido como o maior erudito das nossas fileiras. O seu conhecimento do Novo Testamento era tão completo que Andrews sentia que o poderia reproduzir de cor se ele se perdesse. O seu livro «A história do Sábado» deu uma sólida base bíblica às reivindicações dos observadores do Sábado. Pouco depois de ele ter partido para a Europa como o nosso primeiro obreiro a trabalhar fora da sua pátria, Ellen G. White escreveu aos irmãos europeus: «Enviamo-vos o melhor homem entre nós». Era respeitado por todos os que o conheciam, não só pelos seus conhecimentos, mas também porque ele era um homem de oração.

Pioneiro do Estado do Ouro

John N. Loughboroug, com a idade de 16 anos, tomou posição pública por Cristo numa reunião de oração e imediatamente começou a estudar a Bíblia fervorosamente. Empregado numa loja de ferreiro, usava todos os momentos livres para esquadriñar as páginas da Palavra de Deus, sempre que o podia fazer sem ser desleal aos patrões. Aos 20 anos uniu-se ao grupo de jovens adventistas que observavam o Sábado em Rochester, Nova York. Ainda não fora descoberto o princípio do dízimo e não havia qualquer sistema para suportar o ministério adventista, todavia ele determinou dar a sua vida à pregação da mensagem do terceiro anjo. O seu tralho levou-o para além do leste, e onde, juntamente com o Pastor Bourdeau empreendeu uma grande jornada à Califórnia, abrindo o trabalho no Estado do Ouro em 1868. Em 1878 foi à Inglaterra para começar ali o trabalho. A sua vida não terminou sem que, como tantos outros, tivesse dado à causa de Deus mais de 70 anos de serviço.

Escritor Talentoso

O escritor de maior talento entre todos os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi, provavelmente, Uriah

Smith. Quando tinha apenas 13 anos de idade foi-lhe amputada a sua perna esquerda acima do joelho, por causa de uma infecção. A despeito deste obstáculo este inteligente rapaz decidiu fazer algo de digno na sua vida e fez planos para se tornar professor. Em 1852, quando tinha simplesmente 20 anos, enfrentou a maior decisão da sua vida — prosseguir nas suas ambições mundanas ou aceitar o Sábado e dar a sua vida à propagação da «verdade presente». Prometeu a Deus que seria fiel às suas convicções da justiça custasse o que custasse.

O talento do jovem Smith como escritor foi imediatamente reconhecido. Durante meio século, de 1853 a 1903, o seu nome apareceu quase continuamente

na *Review and Herald* como editor associado, o seu livro *Pensamentos sobre Daniel e Apocalipse* foi uma poderosa produção que tem influenciado positivamente as vidas de milhares.

Dos seis principais pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia somente um, Joseph Bates, era um homem de mais idade quando começou a guardar o Sábado. Os outros cinco — Ellen White, James White, James Andrews, John Loughborough e Uriah Smith — estavam ainda no vigor da sua juventude quando decidiram dedicar as suas energias à pregação da mensagem dos três anjos de Apocalipse 14. O Movimento do Advento era, no seu início, um movimento de jovens.

Sábado, 28 de Novembro de 1970

A Igreja - O Seu triunfo

Por Roberto H. Pierson

Cristo deseja fervorosamente ter o Seu povo consigo. Anseia grande reunião da família, marcada para o dia do Seu regresso. «E se Eu for preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também»

Durante os primeiros dias do Seu ministério, o Salvador orou fervorosamente por esse dia de reunião. «Ouví a oração de nosso Representante nos céus: 'Pai, aqueles que me deste, quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória.' Oh, como o Chefe divino almejava ter a Sua igreja consigo! Com Ele haviam comungado em Seus sofrimentos e humilhação, e é a sua mais elevada alegria tê-los consigo, para serem participantes de Sua glória. Cristo reclama o privilégio de ter Sua igreja consigo. 'Quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo.' Tê-los consigo, está de acordo com o concerto da

promessa e pacto feito com Seu Pai. Reverentemente, apresenta Ele, no trono da graça, a consumada redenção para Seu povo. O arco da promessa circunda nosso Substituto e Penhor ao lançar Sua amorável petição: 'Pai, aqueles que Me deste quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória'. Contemplemos o Rei em Sua beleza e a igreja será glorificada.»²

«Contemplemos o Rei em Sua beleza e a igreja será glorificada» — que preciosa certeza! Um dia muito em breve a oração do Mestre será respondida e a igreja militante tornar-se-á igreja triunfante e o povo escolhido de Deus estará com Ele por toda a eternidade.

Antes do grande dia da reunião em que esta promessa será cumprida, há um trabalho a ser feito — dentro e fora da igreja. «A igreja militante não é agora a igreja triunfante»⁵ Resta-nos ainda muito para fazer por Deus e muito pa-

ra Deus fazer por nós! Antes da *coroa* há a *crúz* — e uma *comissão*! A oração de Jesus por pureza e unidade e o Seu mandamento para trabalhar têm de ser atendidos por Seu povo, antes que a hora do triunfo possa chegar! *Mas, não tendes receio, ela há-de chegar!*

Antes do Triunfo temos de enfrentar dias perigosos

Há dias difíceis diante da igreja de Deus! «Nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos», prediz Paulo. O Dr. Philips traduz assim as palavras do apóstolo: «Nos últimos dias os tempos serão cheios de perigo.» O Dr. Kenneth N. Taylor tem ainda uma tradução mais aguda e pessoal: «Nos últimos dias vai ser muito difícil ser-se um cristão»⁴.

A mensageira do Senhor declara: «O Espírito de Deus está, gradual mas seguramente, sendo retirado da terra»⁵.

«Estamos mesmo no limiar do tempo de angústia, e acham-se diante de nós perplexidades com que dificilmente sonhamos»⁶.

«Tempo de angústia!» Estas palavras fazem passar pelo ecran das nossas mentes cenas do Vietname, do Médio Oriente, da África. «Tempo de perigo» lembra-nos cenas de horror das grandes cidades, onde são tão frequentes os crimes brutais. «Muito difícil ser-se um cristão» poderia ser mais pessoalmente parafraseado: «Muito difícil ser-se um Adventista do Sétimo Dia». Todos estes matizes de significado das palavras de Paulo lembra-nos que haverá dificuldades dentro e fora da igreja de Deus. Estas dificuldades e perplexidades serão de tal magnitude que nem ainda sonhamos.

Com o espírito de doce ecumenismo tão prevalecente no mundo cristão de hoje é realmente difícil compreender perfeita e exactamente como as circunstâncias vão mudar tão radicalmente — mas elas mudarão. A Igreja remanescente *tornar-se-á* objecto dos mais viciosos ataques de Satanás: «E o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo»⁷.

Na despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso, ele predisse os problemas que se levantariam dentro da igreja: «Porque eu sei isto: que depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho; e que dentre vós mesmo se levantarão homens que falarão coisas perveras, para atraírem os discípulos após si.»⁸

Os lobos vieram, tal como o apóstolo advertira. Continuaram a atacar o rebanho de Deus através dos séculos. Não devíamos ficar surpreendidos quando eles aparecem entre nós nos últimos dias. Mas não aparecerão como lobos — Satanás virá bem disfarçado «E não é maravilha porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois que os seus ministros se transfiguram em ministros da justiça: ao fim dos quais será conforme as suas obras»⁹

«A senda do erro parece muitas vezes estar bem vizinha da vereda da verdade. Ela quase não é distinguível da verdade que leva à santidade e ao Céu. Mas a mente iluminada pelo Espírito Santo sabe discernir que essa senda diverge do caminho recto. Depois de algum tempo se vê que os dois se acham vastamente separados»¹⁰.

«Olhai pois por vós e por sobre todo o rebanho»,¹¹ adverte Paulo. A nossa única segurança é seguir bem de perto a instrução inspirada: «Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em vós»¹².

Através de todo este tempo de provação a igreja militante não fracassará.

«A igreja talvez pareça como prestes a cair, mas não cairá. Ela permanece, ao passo que os pecadores de Sião serão lançados fora no joeiramento»¹⁵ *A Igreja militante tornar-se-á no tempo designado por Deus, a Igreja triunfante!*

A Igreja dorme

No limiar do triunfo, a igreja de Deus está a dormir. A nossa condição é vividamente descrita na parábola das

dez virgens. «Quando Cristo, sentado, contemplava o grupo que aguardava o esposo, contou aos discípulos a história das dez virgens, ilustrando, pela experiência delas a da igreja que viveria justamente antes de Sua segunda vinda.»¹⁴

Muitos de nós, como as virgens loucas estamos adormecidos. Temos de ser despertados para as nossas necessidades. «A classe representada pelas virgens loucas não é hipócrita. Têm consideração pela verdade, advogaram-na, são atraídos aos que crêem na verdade, mas não se entregaram à operação do Espírito Santo. Não caíram sobre a rocha que é Cristo Jesus, e não permitiram que sua velha natureza fosse quebrantada.»¹⁵

Uma igreja adormecida, semi convertida, não pode ser uma igreja militante e muito menos uma igreja triunfante! Que o Senhor nos desperte do nosso sono de apatia espiritual e nos ajude a ver a nossa necessidade pessoal de uma ligação viva com Jesus. Somente quando Cristo vive nos nossos corações podemos nós viver realmente e servi-LO fielmente como Ele deseja.

Uma Igreja verdadeiramente Militante antes do Triunfo

Quando estivermos despertados e nos levantarmos seremos uma igreja militante e que trabalha. Há uma tarefa diante de nós — um mundo em necessidade — necessidade de Cristo e necessidade do nosso auxílio. «Ide» não é uma sugestão opcional, que possamos aceitar ou não, conforme escolhermos. É um mandamento que temos de obedecer. «Por todo o mundo» inclui tudo. Podemos ir a terras bem distantes através do nosso apoio financeiro à obra de Deus, mas de forma mais pessoal significa ir à nossa própria comunidade, a nossa própria rua, à nossa própria casa. No outro lado da rua, em frente de nós à mesa do almoço, pode estar alguém que necessite de Cristo — que necessite de vós! Sois parte da minoria militante ou da maioria apática?

Problemas de fora ou de dentro não frustrarão o triunfo do movimento de Deus! «Este evangelho do reino será

pregado a todo o mundo», prometeu o próprio Senhor Jesus. «O fim *virá*», Ele declara,¹⁶ «Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que *há-de vir virá* e não tardará»¹⁷ As promessas de Deus são verdadeiras. Podemos confiar nelas! a oração de Cristo em favor da Sua igreja será respondida. A Reunião é certa!

Gosto da cena de triunfo da Igreja de Deus tal como a descreve a pena do revelador: «Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos... E um dos anciãos me falou dizendo: Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são e donde vieram?»

«E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra.»¹⁸

Que visão de vitória! O Povo de todos os séculos e de todas as nações reunido nessa grandiosa reunião pela qual o Salvador tem estado ansiando e orando! Eis o dia pelo qual o povo do Advento tem anelado, orado e trabalhado durante mais de um século — finalmente uma feliz realidade! Se alguma vez Satanás segredar a dúvida em vossos ouvidos, lembrai-vos de Apocalipse 7:9-15. Este movimento não se destina a fracassar pela base ou a cair no esquecimento, nem a submergir na mediocridade — destina-se a *triumfar*!

Hoje a igreja é maltratada, perseguida e minimizada. É adulada por uns e atacada por outros. É assediada por dentro e por fora pelos seus inimigos, mas graças a Deus o seu triunfo está assegurado! Mesmo agora, pela fé, podemos ter um vislumbre da manhã dourada prestes a despontar. «Muito perto está a vitória da igreja, a recompensa. A recompensa a ser concedida já está quase ao nosso alcance.»¹⁹ «A obra está

prestes a concluir-se. Os membros da igreja militante que se houverem demonstrado fieis, tornar-se-ão a igreja triunfante.»²⁰

Por vezes olhamos para a obra inacabada, para a explosão demográfica e os nossos ânimos vacilam. Como pode a obra ser terminada em nossos dias? A esta pergunta só Deus pode responder e responderá. O segredo do êxito não está em nós está *no Deus que servimos*. É a Sua obra. Nós só temos que submeter-nos. Ele trará a vitória — e que gloriosa vitória será essa!

Participantes do Triunfo

Não há dúvidas acerca do triunfo do movimento. Está avançando para a vitória final, que será certa. É simples e bem definida a pergunta que está perante vós e perante mim nesta manhã de Sábado: *Triunfareis vós, triunfarei eu com o povo de Deus?* É de vós e de mim que se trata!

A vitória sobremem à igreja quando cada membro a conhece pessoalmente! A igreja é feita de indivíduos. O nosso nascimento não é colectivo. Não morremos nem somos salvos colectivamente. Acima de tudo é necessária uma escolha individual e entrega pessoal.

A triunfante multidão vestida de branco é composta de indivíduos abnegados, submissos a Cristo, remidos pelo Seu sangue e vivendo vidas vitoriosas. As vestes brancas revelam pureza de carácter. As palmas em suas mãos tesmuntam da sua vitória!

João descreve «esta multidão que nenhum homem podia contar» como estando de pé «diante de trono». Os que estão diante de Deus no grande dia da vitória aprenderam a viver na presença de Deus nesta vida. Têm o privilégio de servir eternamente na terra feita de novo o Deus do universo, porque primeiro aprenderam a servi-l'O nesta vida. «Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra.

Embora o chamado de Cristo sempre se dirija a homens de todas idades, todavia, especialmente nestes dias finais da história deste mundo, Ele chama jovens para se dedicarem a Ele e para fazerem da Sua obra a obra das suas vidas. Não há «outra classe que, como os rapazes e meninas consagrados a Deus, possam fazer tanto bem. A juventude, quando recta, pode exercer poderosa influência». — *Mensagens aos jovens*, pág. 204.

O apóstolo Paulo sabia que era essencial para cada geração de cristãos transmitir a sua visão à geração seguinte, ou então a causa estaria perdida. Na sua última carta, enviada exactamente antes de ser executado, ele exortava Timóteo a transmitir a visão: «O que de mim, entre muitas testemunhas ouviste, confia-o a homens fieis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros» (2 Timóteo 2:2). Hoje o facho está-vos a ser entregue. Aceitá-lo-eis?

Deus precisa de Davids modernos que, com ilimitada coragem e fé, se levantem em cada emergência. Necessita de Isaías e Jeremias que transmitam fieis mensagens a Seu povo, mesmo em tempos de dificuldade e desencorajamento. Necessita de modernos Danielis que se mantenham pelo que é recto ainda que caíam os céus. Precisa de homens nos nossos centros educacionais que, como J. N. Andrews, saibam como combinar o conhecimento e a religião. Precisa de escritores como Uriah Smith, e missionários como John Loughborough. Necessita de mais homens e mulheres como James e Ellen White, que eram «destros na ciência dos tempos para saberm o que Israel devia fazer» (I Crón. 12:32). Há oportunidades e necessidades ilimitadas.

Cristo, com a idade de 12 anos, decidiu ocupar-se dos negócios de Seu Pai, e nunca se desviou desta resolução. Na noite antes de morrer, podia dizer: «Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer» (João 17:4). Não desperdiçou a sua juventude em assuntos de somenos importância, mas dedicou todos os momentos da sua adolescência e juventude a Seu Pai. O seu exemplo de fidelidade para com Deus através de toda a

Sua vida tem sido seguido por dezenas, sim centenas e milhares de outros. A maior satisfação no mundo vem de uma vida bem vivida, uma vida em que não entra o remorso. Tal vida terminará com o som da vitória: «Combati o bom

combate, acabei a carreira, guardei a fé.» (2 Tim. 4:7). Tal vida pode ser a vossa. E pode ser a de todos que resolvam como Jesus: «Convém tratar dos negócios de Meu Pai».

Visado pela Censura